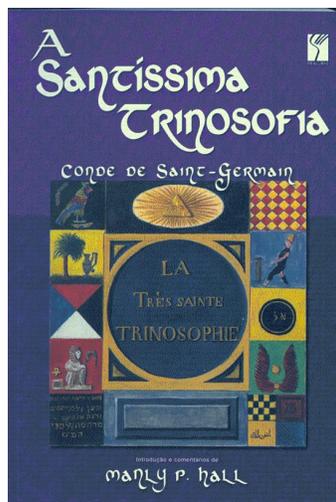


A Santíssima Trinosofia



Copyright @ 2003 de Philosophical Research Society
Todos os direitos reservados.

ISBN 85-7272-170-3

Revisão: Wagner D'Ávila Maria Aparecida Costa

Capa: Sidney Guerra

Diagramação: Lilian Meio' Sidney Guerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saint-Germain, Conde de, m. 1784?

A santíssima trinosofia : Conde de Saint-Germain / Comentários de Manly P. Hall ; tradução Júlia Bárány. -
São Paulo: Mercuryo, 2003.

Título original: The most holy trinosophia of the comte de St.-Germain

1. Alquimia 2. Cabala 3. Manuscritos franceses 4. Ocultismo I. Hall, Manly P. 11. Título.
2003

Todos os direitos reservados à **Editora Mercuryo** Ltda. Al. dos Guaramomis, 1267, Moema, São Paulo, Sp,
Brasil CEP 04076-012, Fone/Fax: (11) 5531-8222 / 5093-3265 E-mail: atendimento@mercuryo.com.br -
<http://www.mercuryo.com.br> *Bons livros, bons homens, inspirando para o crescimento*

*"Um homem que sabe tudo e não morre jamais."
Foi assim que Voltaire se referiu a este enigmático personagem que apareceu na História durante o século XVIII e o início do XIX, o conde de Saint-Germain.
Falava com perfeição 30 línguas antigas e modernas, reunia todos os conhecimentos da época e assombrou as cortes européias, atuando em todos os campos do saber humano.
Conhecedor dos segredos da alquimia, transmutava metais e pedras preciosas.
Afirmava saber preparar o elixir da eterna juventude.
Profetizou os tempos trágicos na Europa e teve atuação nos rumos que a História tomou.
Sua missão jamais foi entendida pelos homens comuns, por isso foi acusado de charlatanismo.*

Visite o site elaborado especialmente para este livro www.mercuryo.com.br/trinosofm

SUMÁRIO

Introdução à Edição Brasileira de Júlia Bárány

Parte 1- Notas Introdutórias de Manly P. Hall

Apresentação

1. O Homem que não Morre
2. O Mais Raro dos Manuscritos Ocultos

Parte 2 - A Santíssima Trinosofia do Conde de Saint-Germain

3. Tradução do Manuscrito A Santíssima Trinosofia

Parte 3- Comentários de Manly P. Hall

4. Os Mistérios
5. Interpretação de Figuras e Texto

Parte IV - La Très Sainte Trinosophie

6. Fac-símile do Manuscrito La Très Sainte Trinosophie do Conde Saint-Germain

Sobre Manly P. Hall



Concepção de um artista a respeito da iniciação do conde e da condessa

*Curieux scrutateur de la Nature entiere, J'ai connu du grand tout le principe et la fino J'ai vu l'or en
puissanceau fond de sa riviere
J'ai saisi sa matiere et surpris son levain.*

*J'exPliquai par quel art l'âme auxflancs d'une mere Fait sa maison, l'emporte, et comment un pépin Mis
contre un grain de blé, sous l'humide oussiere; L'un plante et l'autre cep, sont le pain et le vin.*

*Rien n'était, Dieu voulant, rien devint quelque chose, J'en doutais, je cherchai sur quoi l'universe pose. Rien
gardait l'équilibre et servait de soutien.*

*Enfin avec le poids de l'éloge et du blâme Je pesai l'éternel; il appella mon âme: Je mourrai, j'adorai, je ne
savais plus rien.*

*Curioso escrutinador da natureza inteira, Conheci do grande todo o princíPio e o fim. Vi o ouro em potência
no fundo de sua jazida Apresei sua substância e surpreendi seu fermento.*

*ExPliquei com que arte a alma no seio de uma mãe Faz sua morada e leva, como uma semente Posta junto a
um grão de trigo, sob a poeira úmida; Uma planta e o outro cepa, são pão e vinho.*

*Nada existia, pela vontade de Deus, nada se tornara algo, Duvidando, eu buscava sobre que o universo
repousa. Nada mantinha o equilibrio e servia de esteio*

*Enfim com o peso do louvor e da censura Eu pesava o eterno; ele reclamou minha alma; Eu morria, eu
adorava, eu nada sabia.*

Conde de Saint-Germain

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Este escrito é de máxima importância para todos os estudiosos das ciências ocultas, por isso ao preparar a edição brasileira, fui pesquisar as edições existentes em outras línguas, e encontrei a da Philosophical Research Society, a mais completa.

Como hoje as atenções se voltam novamente para a figura enigmática do conde de Saint-Germain, a Editora Mercuryo brinda seus leitores com uma tradução extremamente cuidadosa do texto original em francês, junto com uma introdução histórica e o trabalho raro de decodificação dos criptogramas feito pelo doutor Edward C. Getsinger, eminente autoridade em alfabetos e línguas antigas.

Para o leitor que está se familiarizando com o assunto, este adendo é de inestimável valor para conseguir enxergar a beleza escondida no escrito. Aquele que já se debruça há algum tempo sobre os significados ocultos, poderá desfrutar de novos vislumbres e articular ligações.

O texto em si não é longo, trazendo em 96 páginas a descrição do caminho iniciático.

O que realmente me deixou fascinada foi descobrir que o original é COLORIDO! Nenhuma das edições existentes reproduziu o original em cores. A presente publicação faz uso de cópias digitalizadas do original, adquiridas pela Editora Mercuryo da Bibliotheque de Troyes, guardiã atual do manuscrito.

Boa leitura!

Júlia Bárány
Editora

PARTE 1

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Manly P. Hall

APRESENTAÇÃO

Uma referência interessante a Saint-Germain apareceu no *London Chronicle*, de 31 de maio a 3 de junho, 1760, sob o título "Histórias de um misterioso estrangeiro":

"Da Alemanha ele levou para a França a reputação de grande e poderoso alquimista, que possuía o pó secreto e, por conseqüência, o remédio universal. Corriam rumores de que o estrangeiro sabia fabricar ouro. A forma dispendiosa na qual vivia parecia confirmar esse relato, mas o ministro da época, a quem o assunto fora confidenciado como importante, respondeu sorrindo que o resolveria rapidamente. Ele ordenou um inquérito para determinar de onde vinham as remessas que ele (Saint-Germain) recebia, e disse àqueles que o procuraram que logo lhes mostraria quais eram as riquezas produzidas pela pedra deste filósofo. Os meios que aquele homem ilustre utilizou para explicar o mistério, embora muito sensatos, só serviram para aumentá-lo. Não se sabe se o estrangeiro tomou conhecimento do inquérito que foi ordenado e encontrou meios de burlá-lo, ou por quaisquer outros motivos desconhecidos, o fato é que no espaço de dois anos, enquanto era observado, ele viveu como de costume, pagando tudo em dinheiro vivo e, no entanto, não entrou no reino nenhuma remessa que lhe fosse destinada."

(Reimpresso nas páginas 95-96, *Secret Societies and the French Revolution* [Sociedades Secretas e a Revolução Francesa], de Una Birch.)

Podem-se citar numerosos autores que tiveram alguma relação passageira com o conde de Saint-Germain, porém, a maioria dos incidentes registrados não fornece pista alguma sobre suas convicções religiosas ou filosóficas, ou as instruções secretas que supostamente ele ministrava a um pequeno círculo de discípulos aceitos.

Tanto *La Tres Sainte Trinosophie* da Biblioteca de Troyes, na França, quanto o manuscrito

criptografado *La Magie Sainte*, da Biblioteca de nossa Sociedade, são dedicados inteiramente aos segredos mais profundos da tradição esotérica. Há relatos sobre a existência de um terceiro manuscrito que, de acordo com Lionel Hauser, membro do Conselho Diretor da Sociedade de Teosofia da França, pertence à coleção de um homem altamente iluminado que reside no sul da França.

Les Mysteres de la Science, de Louis Figuier, Paris, 1881?, inclui uma concepção de um artista sobre a iniciação do conde e da condessa Cagliostro aos ritos secretos, presidida pelo conde de Saint-Germain. Este quadro parece ter sido inspirado por uma descrição que aparece in *Memoires Authentiques pour Servir a l'Histoire du Conde de Cagliostro*. Este livro foi publicado anonimamente em 1785 e costuma ser atribuído ao marquês de Luchet. De acordo com este pequeno volume, Cagliostro requisitou o favor de uma audiência secreta com Saint-Germain para si e para a esposa.

O encontro foi marcado para as duas horas da manhã. O santuário estava iluminado por centenas de velas e Saint-Germain sentava-se num palanque no meio da sala. No decurso do ritual, um livro misterioso foi aberto e Cagliostro ouviu a leitura de seu próprio futuro, com a descrição detalhada de sua perseguição, julgamento, desonra e prisão. Em *A Modern Panarion*, H. P. Blavatsky escreve sobre Saint-Germain: "O tratamento que este grande homem, este aluno dos hierofantes hindus e egípcios, este conhecedor da sabedoria secreta do Oriente teve por parte dos escritores ocidentais é uma mancha na natureza humana."

Em muitos países europeus, especialmente a França e a Alemanha, houve um forte reflorescimento das crenças esotéricas na segunda metade do século XVIII. A confusão política daquele tempo inspirou muitas pessoas preocupadas com a situação a explorar a sabedoria do mundo antigo. As convicções miraculosas eram sustentadas por referências à escola alexandrina, que interpretava a teologia dos egípcios mais recentes em termos de magia e metafísica. Houve um forte reflorescimento do movimento rosacruz, da alquimia, astrologia, das artes herméticas, cabala e magia cerimonial. Apareceu uma literatura considerável e a ignorância dos crédulos foi explorada para fins de lucro pessoal.

Embora Saint-Germain atuasse em meio à confusão prevalecente dessas doutrinas, não foi tocado pelo psiquismo popular. Ele nunca foi acusado de fraude, embora fossem feitos muitos esforços para estragar sua reputação. Suas habilidades e realizações eram as maravilhas daquele tempo. Pessoa célebre, transitava pelos altos círculos da sociedade, sendo um artista talentoso, músico, químico competente e um dedicado estudioso das disciplinas iogues e tântricas, que ele dominava, as quais, segundo a crença, aprendera durante sua viagem à Índia na companhia de lord Clive. Quando na companhia de eruditos, provou ser letrado em quase todos os ramos da erudição.

Saint-Germain era reconhecido por ter uma memória extraordinária, que disse ter sido disciplinada por meio da leitura regular do *IL Pastor Fido* de Battista Guarini (1538-1612), o célebre poeta italiano cortesão renascentista. Depois de uma associação mais ou menos infeliz com o duque de Ferrara, Battista se retirou para sua fazenda ancestral e escreveu *Il Pastor Fido* (O Fiel Pastor). Guarini era um polemista e, como Tasso, defendia uma reforma universal da sociedade humana. O *Pastor Fido* tem uma forte característica rococó. É elegante e foi dramatizado várias vezes. Diz-se que inspirou *The Faithful ShePherdess* (A Pastora Fiel) de John Fletcher.

A presente obra dá algumas indicações do conhecimento que Saint-Germain tinha das ciências obscuras. Como é de se esperar, parte do manuscrito está em código e não há uma chave óbvia para ele. Há símbolos gnósticos e algumas ilustrações que também parecem sugerir os mistérios gregos. As escolas francesas de Eliphas Levi, De Guaita e Papus no século XIX parecem ter herdado muito do seu simbolismo do reflorescimento da antiga sabedoria no século XVIII. Muitos estudiosos das ciências esotéricas parecem não ter conhecimento dessas escolas francesas, que estavam fortemente comprometidas com as artes e ciências secretas.

Embora quase duzentos anos tenham se passado desde sua morte ou desaparecimento, a pesquisa sobre

o caráter e a carreira de Saint-Germain continua. Foi chamado "o homem que não morre", e é certo que o interesse por sua pessoa ainda está bem vivo. Ele pertencia a uma tradição na qual muitas pessoas querem acreditar. Ele testemunha a possibilidade da imortalidade e da conquista da sabedoria. Saint-Germain foi um iniciado da Tradição dos Mistérios e deve ser incluído entre aqueles que os rosacruzes chamaram de servos do Generalíssimo do Mundo e fiéis secretários da Natureza.

CAPÍTULO 1

O HOMEM QUE NÃO MORRE

O grande iluminista, rosacruz e maçom que se denominava conde de Saint-Germain é sem dúvida a mais intrigante personalidade da história moderna. Seu nome era um sinônimo de mistério e o enigma de sua verdadeira identidade ficou insolúvel, tanto para seus contemporâneos como para pesquisadores posteriores. Ninguém questionava o berço nobre ou a ilustre propriedade do conde. Sua personalidade como um todo levava a marca indelével da educação aristocrática. A graça e a dignidade que caracterizavam sua conduta, junto com sua perfeita serenidade em todas as situações, atestavam refinamento inato e a cultura de alguém acostumado a uma posição elevada.

Uma publicação londrina faz a seguinte análise breve de sua ancestralidade:

"Será que ele, em sua velhice, contou a verdade a seu entusiástico protetor e admirador, príncipe Charles d Hesse Cassel? Segundo a história contada por este seu último amigo, ele era filho do príncipe Rakoczy, da Transilvânia, e sua primeira esposa, uma Takely. Quando bebê, foi confiado à proteção do último Médici, Gian Gastone. Já adulto, soube que seus dois irmãos, filhos da princesa Hesse Rheinfels, de Rothenburg, haviam recebidos os nomes de Santo Charles e Santa Elizabeth, decidiu tomar o nome Santo Germanus, de seu irmão santo. Qual era verdade? Apenas uma coisa é certa: ele era protegido do último Medici."

Caesare Cantu, bibliotecário em Milão, também apóia a hipótese Rakoczy, acrescentando que Saint-Germain foi educado na Universidade de Siena.

Na sua excelente monografia, *The Comte de St. Germain, the Secret of Kings*, a senhora Cooper-Oakley lista os nomes mais importantes sob os quais esta pessoa espantosa se disfarçou entre os anos 1710 e 1822. "Durante esse tempo", escreve ela, "temos M. de Saint-Germain como o marquês de Montferrat, conde Bellamarre ou Aymar em Veneza, chevalier Schoening em Pisa, chevalier Weldon em Milão e Leipzig, conde Soltikoff em Geneva e Leghorn, graf Tzarogy em Schwalback e Triesdorf, príncipe Ragotzky em Dresden, e conde de Saint-Germain em Paris, Hague, Londres e São Petersburgo."

A esta lista pode-se acrescentar que houve uma tendência entre escritores místicos a conectá-lo com o misterioso conde de Gabalais, que apareceu ao abade Villiers e pronunciou vários discursos sobre espíritos sobrenaturais. Nem é impossível que ele seja o mesmo notável signor Gualdi, cujas explorações Hargrave Jennings relata em seu livro *The Rosicrucians, their Rites and Mysteries*. Suspeita-se também que seja o conde Hompesch, o último Grande Mestre dos Cavaleiros de Malta.

Quanto à aparência pessoal, o conde de Saint-Germain é descrito como tendo altura mediana, corpo

bem proporcionado, e traços regulares e agradáveis. Ele era moreno e seu cabelo escuro, embora freqüentemente empoadado. Vestia-se com simplicidade, usualmente de preto, mas suas roupas tinham bom corte e eram da melhor qualidade. Seus olhos possuíam um grande fascínio e aqueles que se fixavam neles eram profundamente influenciados. Segundo madame de Pompadour, ele afirmava possuir o segredo da juventude eterna e, em certa ocasião, afirmou ter conhecido Cleópatra pessoalmente e, em outra, ter "conversado intimamente com a rainha de Sabá!" Não fosse por sua personalidade notável e seus poderes aparentemente sobrenaturais, o conde sem dúvida teria sido considerado louco, mas seu gênio transcendente era tão evidente que era meramente chamado de excêntrico.

No *Souvenirs de Marie Antoinette*, da condessa d'Adhemar, temos uma excelente descrição do conde, a quem Frederico, o Grande se referia como "o homem que não morre":

"Em 1743 propagou-se o rumor de que um estrangeiro, enormemente rico, a julgar pela magnificência de suas jóias, acabara de chegar a Versalhes. Ninguém jamais foi capaz de descobrir de onde viera. Sua figura era bem proporcionada e graciosa, suas mãos delicadas, seus pés pequenos, e as pernas bem formadas, realçadas por meias de seda bem justas. Seu vestuário bem talhado sugeria uma forma de rara perfeição. Seu sorriso mostrava dentes magníficos, uma bonita covinha marcava-lhe o queixo, seu cabelo era negro e o olhar doce e penetrante. E, oh, seus olhos! Jamais vi semelhantes. Ele parecia ter cerca de quarenta ou quarenta e cinco anos de idade. Freqüentemente podia-se encontrá-lo nos aposentos particulares reais, onde tinha admissão irrestrita no início de 1768."

O conde de Saint-Germain era reconhecido como um estudioso e lingüista eminente da época. Sua habilidade lingüística beirava o sobrenatural. Ele falava alemão, inglês, italiano, português, espanhol, francês com sotaque piemontês, grego, latim, sânscrito, árabe e chinês com tal fluência que em cada país que visitava era aceito como nativo. "Erudito", escreve um autor, "falando cada língua civilizada admiravelmente, um grande músico, um excelente químico, ele desempenhava o papel de prodígio à perfeição." Até os seus detratores mais impiedosos admitiam que o conde possuía conhecimentos quase inacreditáveis em cada área do saber.

Madame de Pompadour exalta o gênio de Saint-Germain nas seguintes palavras:

"Um conhecimento profundo de todas as línguas, antigas e modernas; uma memória prodigiosa; erudição, da qual podia-se captar vislumbres entre os caprichos de sua conversa, que sempre era divertida e, ocasionalmente, muito envolvente; uma habilidade inesgotável em variar o tom e os assuntos de sua conversa; ser sempre renovado e infundir o inesperado nos discursos mais triviais faziam dele um interlocutor excelente. Às vezes, ele contava anedotas da corte de Valois ou de príncipes ainda mais remotos, com tal precisão em cada detalhe que quase criava a ilusão de que ele fora testemunha ocular daquilo que narrava. Havia viajado pelo mundo todo e o rei ouvia interessado as narrativas de suas viagens pela Ásia e África, e suas histórias sobre as cortes da Rússia, Turquia e Áustria. Ele parecia ter um conhecimento mais íntimo dos segredos de cada corte do que o próprio *charge d'affaires* do rei."

O conde era ambidestro a tal ponto que conseguia escrever o mesmo artigo com as duas mãos simultaneamente. Quando as duas folhas de papel eram depois sobrepostas e colocadas contra a luz, a escrita de uma folha cobria exatamente a da outra. Conseguia recitar páginas impressas após uma única leitura. Para provar que os dois hemisférios de seu cérebro podiam trabalhar independentemente, escrevia uma carta de amor com a mão direita e um conjunto de versos místicos com a esquerda, ambos ao mesmo tempo. Ele também cantava maravilhosamente. .

Por meio de algo semelhante à telepatia, esta pessoa notável era capaz de sentir quando sua presença

era necessária em alguma cidade ou estado distante e foi até registrado que ele tinha o hábito desconcertante de aparecer em seus alojamentos e nos de seus amigos sem recorrer ao uso convencional da porta.

Ele foi, por alguma circunstância curiosa, o patrono das estradas de ferro e dos navios a vapor. Franz Graeffler, em seu *Recoliections 01 Vienna*, relata o seguinte incidente na vida do surpreendente conde:

"Saint-Germain foi, gradualmente, adquirindo um ar solene. Durante alguns segundos, ficou rígido como uma estátua; seus olhos, que sempre eram expressivos além das palavras, tornaram-se opacos e sem cor. De repente, porém, seu ser inteiro se reanimou. Esboçou um gesto com a mão, como que em sinal de despedida, depois disse: 'Estou partindo (Ich scheide). Não me visitem. Ireis ver-me uma vez mais. Amanhã à noite partirei. Precisam de mim em Constantinopla, depois na Inglaterra, para preparar ali duas invenções que tereis no próximo século - trens e navios a vapor.'"

Como historiador, o conde possuía um conhecimento preciso de todos os fatos dos dois mil anos anteriores e, em suas lembranças, descrevia nos mínimos detalhes os fatos dos séculos precedentes nos quais desempenhara papéis importantes. "Ele falava de cenas da corte de Francisco I como se as tivesse visto, descrevendo exatamente a aparência do rei, imitando sua voz, suas maneiras e sua linguagem - sugerindo o tempo todo ter sido testemunha ocular. No mesmo estilo, entretinha sua audiência com histórias agradáveis sobre Luis XIV, e os presenteava com descrições vívidas de lugares e pessoas." (Ver *Ali the Year Round*).

A maioria dos biógrafos de Saint-Germain menciona seus hábitos peculiares com relação à alimentação. Era a dieta, declarava ele, combinada com seu maravilhoso elixir, que constituía o verdadeiro segredo da longevidade e, embora convidado aos mais suntuosos banquetes, recusava-se terminantemente a comer qualquer alimento que não fosse especialmente preparado para ele e de acordo com suas receitas. Sua alimentação consistia na maior parte em aveia, sêmola e carne branca de frango. Sabe-se que em raras ocasiões bebeu um pouco de vinho e sempre tomava elaboradas precauções contra a possibilidade de contrair resfriado. Frequentemente convidado para jantar, dedicava o tempo, durante o qual deveria estar comendo, a entreter os outros convidados com histórias de magia e feitiçaria, aventuras fantásticas em lugares remotos e episódios íntimos da vida dos poderosos.

Numa dessas histórias sobre vampiros, Saint-Germain mencionou de forma despreziosa que possuía a vara, ou o bastão, com o qual Moisés fizera brotar água das pedras, acrescentando que havia sido apresentado na Babilônia, durante o reinado de Ciro, o Grande. Os memorialistas admitem não saber o que dizer quanto à veracidade das afirmações do conde. O bom senso da época lhes assegurava que a maioria dos relatos deveriam estar inseridos num todo maior. Por outro lado, a informação dada por ele era tão precisa e sua erudição tão transcendente em todos os aspectos, que suas palavras vinham carregadas de convicção. Numa ocasião, ao relatar uma história sobre suas experiências num tempo remoto, falhou-lhe a lembrança clara de um detalhe que considerava relevante. Virouse para seu pajem e perguntou: "Será que me enganei, Roger?" O bom homem respondeu no mesmo instante: "O senhor conde esquece que eu estou com ele há apenas quinhentos anos. Portanto, não poderia ter estado presente nessa ocasião. Deve ter sido o meu predecessor."

Os menores atos de uma pessoa tão incomum como Saint Germain eram, sem dúvida, notados meticulosamente. Existem várias informações interessantes e divertidas relativas à residência que mantinha em Paris. Ele tinha dois camareiros. O primeiro, Roger, já mencionado, e o segundo, um parisiense, empregado por conhecer a cidade e outras informações locais úteis.

"Além disso, a criadagem consistia em quatro lacaios em uniformes cor de rapé com galões dourados.

Ele alugava uma carruagem a quinhentos francos por mês. Como trocava freqüentemente de casaco e colete, possuía uma rica e dispendiosa coleção deles, mas nada se aproximava da magnificência de seus botões, abotoaduras, relógios, anéis, correntes, diamantes e outras pedras preciosas. Possuía uma grande quantidade desses objetos e variava a cada semana."

Certa vez, ao encontrar-se com Saint-Germain num jantar, o barão Gleichen teve a oportunidade de focalizar a conversa na Itália e a sorte de agradar Saint-Germain, que, voltando-se para ele, observou: "Gostei muito de ti, e te mostrarei uma dúzia de quadros, tais que tu não viste nada igual na Itália." Segundo as palavras de Gleichen:

"De fato, ele quase manteve a palavra, pois os quadros que me mostrou eram todos marcados pela singularidade ou perfeição, que os tornava mais interessantes do que muitas obras de primeira linha. Acima de tudo, havia uma Família Sagrada de Murillo, de beleza igual à de Raffaello, em Versalhes. Mas ele me mostrou outras maravilhas - uma grande quantidade de jóias e diamantes coloridos de tamanho e perfeição extraordinários. Pensei que estivesse diante dos tesouros da Lâmpada Maravilhosa de Aladim. Dentre outras pedras preciosas, havia uma opala de tamanho monstruoso, e uma safira branca (?) do tamanho de um ovo, que, por sua luminosidade, ofuscava todas as pedras comparadas com ela. Eu me gabo de ser um conhecedor de pedras preciosas, mas posso afirmar que era impossível detectar qualquer razão para duvidar da autenticidade dessas jóias, ademais que não estavam montadas."

Como crítico de arte, Saint-Germain podia detectar instantaneamente as falsificações mais bem forjadas. Ele mesmo pintava bastante, conseguindo uma cor incrivelmente luminosa. Tal era o seu sucesso que Vanloo, o artista francês, implorou-lhe que divulgasse o segredo de seus pigmentos, mas ele recusou. Acredita-se que ele conseguiu esses resultados espantosos ao pintar jóias misturando madrepérola em pó com suas tintas. Não se sabe o que aconteceu com sua coleção inestimável de pinturas e jóias após sua morte ou desaparecimento. É possível que o conhecimento de química do conde compreendesse a manufatura de tinta fosforescente como a que hoje é usada nos mostradores de relógio. Suas habilidades de químico eram tão profundas que conseguia remover defeitos de diamantes e esmeraldas, façanha essa que, de fato, realizou a pedido de Luís XV em 1757. Pedras de valor comparativamente pequeno eram transformadas em pedras preciosas de primeira água depois de permanecer com ele por um curto período de tempo. Caso as afirmações de seus amigos sejam confiáveis, ele realizava este experimento freqüentemente. Há também uma história popular que dizia que colocava pedras preciosas no valor de milhares de dólares junto aos cartões com os nomes dos convidados indicando o seu lugar na mesa nos banquetes que promovia.

Foi na corte de Versalhes que o conde de Saint-Germain encontrou-se frente a frente com a condessa de Gergy, já em idade avançada. Ao ver o célebre mago, a velha senhora recuou espantada e ocorreu entre os dois a seguinte conversa, bem autenticada por documentação.

- Há cinqüenta anos - disse a condessa - eu era embaixatriz em Veneza e me lembro ter-vos visto lá com a mesma aparência de agora, talvez um pouco mais maduro, pois rejuvenescestes desde então.

Com uma profunda mesura, o conde respondeu com dignidade:

- Sempre me considereei feliz por ser capaz de me fazer agradável para as senhoras.

Madame de Gergy então continuou:

- Naquela época vós vos chamáveis marquês Balletti.

O conde fez outra mesura e respondeu:

- E a memória da condessa Gergy ainda é tão boa quanto há cinqüenta anos.

A condessa sorriu.

- Isso eu devo a um elixir que me destes no nosso primeiro encontro. Sois realmente um homem extraordinário. Saint-Germain assumiu uma expressão grave.

- Esse marquês Balletti tinha uma má reputação? perguntou.
 - Ao contrário - respondeu a condessa -, ele era muito bem aceito na sociedade.
- O conde encolheu os ombros expressivamente, dizendo:
- Bem, como ninguém se queixa dele, estou disposto a adotá-lo como meu avô.

A condessa d'Adhemar estava presente durante toda a conversa e atesta a exatidão de todos os detalhes.

Madame du Hausset, dama de companhia de madame de Pompadour, escreve sobre o espantoso homem que costumava visitar sua senhora. Ela registra uma conversa que aconteceu entre Pompadour e Saint-Germain:

- É verdade, madame, que conheci madame de Gergy há muito tempo - afirmou o conde em voz baixa.
- Mas, de acordo com isso - respondeu a marquesa - vós deveis agora ter mais de cem anos de idade.
- Isso não é impossível - retrucou enigmaticamente o conde, com um leve sorriso - mas admito que é mais possível que essa senhora, por quem tenho infinito respeito, esteja falando bobagens.

Respostas como essa levaram Gustave Bord a escrever sobre Saint-Germain que: "Ele permite que pare certo mistério sobre ele, um mistério que desperta curiosidade e simpatia. Sendo um virtuoso na arte de despistar, ele nada diz que seja inverdade, C..) Tem o raro dom de permanecer em silêncio e se beneficiar disso." (Ver *La Franc-Maçonnerie en France*, etc.)

Mas, voltando à história de madame du Hausset.

- Destes a madame de Gergy - pressionou Madame Pompadour - um elixir de efeitos surpreendentes. Ela afirma que, durante muito tempo, parecia ter não mais de vinte e quatro anos de idade. Por que não dais um pouco disso ao rei?

. Saint-Germain deixou uma expressão de terror espalhar-se por seu rosto:

- Ah! Madame, eu seria verdadeiramente louco se tivesse a idéia de dar ao rei uma droga desconhecida!

O conde estava em termos bem amigáveis com Luís XV, com quem mantinha longas discussões sobre o tema de pedras preciosas, sua fabricação e purificação. Luís ficava espantado e entusiasmado. Jamais uma pessoa tão extraordinária havia pisado os recintos sagrados de Versalhes. A corte toda estava alvoroçada e milagres eram a ordem do dia. Cortesãos de fortunas exauridas vislumbravam a multiplicação mágica de seu ouro e senhoras de idade incerta sonhavam com a volta da juventude e da atração por meio dos fabulosos elixires do homem misterioso. É fácil entender como um personagem tão fascinante podia aliviar o tédio de um rei que havia passado sua vida como mártir de costumes reais e privado dos prazeres do trabalho honesto devido à sua posição. Graças a isso, os soberanos se tornam vítimas dos modismos, e o próprio Luís praticava superficialmente a alquimia e outras artes ocultas. É verdade que o rei era apenas um diletante, cuja vontade não era forte o bastante para fazê-lo ater-se a um objetivo de longo prazo, mas Saint-Germain era atraente, sob o ponto de vista de várias qualidades, para a natureza real. O embasamento de seu conhecimento, a habilidade com a qual reunia os fatos para o entretenimento e a edificação de suas audiências, o mistério que cercava suas aparições e desaparecimentos, sua habilidade consumada tanto de crítico quanto de técnico nas artes e nas ciências, sem mencionar suas jóias e sua fortuna, despertavam a estima do rei. Se Luís tivesse se beneficiado da sabedoria e dos avisos proféticos do misterioso conde, o Reino do Terror poderia ter sido evitado. Saint-Germain sempre foi o protetor, jamais o protegido. Luís havia encontrado o diplomata sem mácula.

Madame de Pompadour escreve:

"Ele enriqueceu o gabinete do rei com seus quadros de Velasquez e Murillo, e presenteou ao marquês as mais inestimáveis e belas pedras preciosas. Pois esse homem singular passava por fabulosamente rico e distribuía diamantes e jóias com liberalidade espantosa."

Uma evidência não menos admirável do gênio do conde era sua compreensão penetrante da situação

política da Europa, e a habilidade evidente com a qual conseguia a confiança de seus adversários diplomáticos. Em todas as ocasiões, tinha credenciais que lhe davam entrada nos mais exclusivos círculos da nobreza européia. Durante o reinado de Pedro, o Grande, Saint-Germain estava na Rússia, e entre os anos 1737 e 1742, na corte do Xá da Pérsia como hóspede honrado. Sobre o tema de suas andanças, Una Birch escreve o seguinte:

"As viagens do conde de Saint-Germain cobriam um período longo, de muitos anos, e uma grande variedade de países. Ele era conhecido e respeitado da Pérsia à França, e de Calcutá à Roma. Horace Walpole falou com ele em Londres em 1745. Clive o conheceu na Índia em 1756. Madame d'Adhemar afirma que o encontrou em Paris em 1789, cinco anos depois de sua suposta morte, enquanto outras pessoas afirmam ter tido conversas com ele no início do século XIX. Ele estava em termos familiares e íntimos com as cabeças coroadas da Europa e era amigo honrado de muitas pessoas distintas de todas as nacionalidades. Ele até é mencionado nas memórias e cartas da época, e sempre como um homem misterioso. Frederico o Grande, Voltaire, madame de Pompadour, Rousseau, Chatham e Walpole, todos que o conheceram pessoalmente, rivalizavam entre si na curiosidade sobre suas origens. Durante as muitas décadas nas quais ele esteve diante do mundo, ninguém conseguiu descobrir porque apareceu como agente jacobita em Londres, conspirador em Petersburgo, alquimista e conhecedor de quadros em Paris, ou general russo em Nápoles. (...) De vez em quando a cortina que oculta suas ações é afastada e nos é permitido vê-lo tocando violino na sala de música em Versalhes, trocando idéias com Horace Walpole em Londres, sentado na biblioteca de Frederico o Grande em Berlim, ou conduzindo reuniões de iluministas nas cavernas ao longo do Reno." (Ver *The Nineteenth Century*, Janeiro, 1908.)

No campo da música, Saint-Germain foi igualmente um mestre. Durante sua estada em Versalhes, dava concertos de violino e, ao menos numa ocasião durante um vida cheia de eventos, regeu uma orquestra sinfônica sem a partitura. Em Paris, Saint-Germain foi o diplomata e o alquimista, em Londres foi o músico. "Ele deixou atrás de si um registro musical para lembrar os ingleses de sua breve estada neste país. Muitas composições suas foram publicadas por Walsh, na Catherine Street, no Strand, e sua primeira canção inglesa, *Oh, wouldst thou know what sacred charms*, foi publicada ainda durante sua primeira visita a Londres; ao deixar esta cidade, confiou a Walsh outras composições, tais como *jove, when he saw*, e as árias de sua pequena ópera *L'Inconstanza Delusa*, que foram publicadas durante sua ausência da Inglaterra. Quando voltou, em 1760, deu ao mundo muitas'

novas canções, seguidas em 1780 por um conjunto de solos para violino. Era um artista capaz e prolífico, e atraiu muita atenção dos apreciadores, tanto como compositor, quanto como intérprete."

Um velho jornal inglês, *The London Chronicle*, na edição de junho, 1760, contém a seguinte anedota:

"Com relação à música, ele não só tocava como compunha, fazendo ambas as coisas com elevado bom gosto. Ora, suas próprias idéias eram ajustadas à arte, e nas ocasiões que não tinham relação com a música, encontrava maneiras de se expressar em termos figurados, deduzidos desta ciência. Não poderia haver uma maneira mais artística de mostrar sua atenção ao assunto. Lembro-me de um incidente que ficou profundamente marcado na minha memória. Tive a honra de estar numa reunião de lady..., que acrescentava a muitas outras grandes virtudes um gosto tão delicado pela música, que foi eleita para ser juíza numa competição de mestres. Esse estrangeiro devia participar e, ao final da noite, chegou com sua costumeira conduta livre e bem educada, mas com mais pressa do que o usual, e com os dedos tampando os ouvidos. Posso imaginar que na maioria dos homens isso seria considerado uma atitude indelicada, e até mesmo mal educada, mas seus modos tornavam tudo agradável. Tinham esvaziado uma carreta de pedras à frente da porta, para consertar a pavimentação. Jogou-se numa cadeira e, quando a senhora perguntou qual era o

problema, apontou para o lugar e disse: 'Estou entontecido por urna carreta cheia de desarmonia!.'

Em suas memórias, o aventureiro italiano Jacques de Casanova de Seingalt faz numerosas referências a seu relacionamento com Saint-Germain. Casanova admite, a contragosto, que o conde era um iniciado em artes mágicas, um lingüista habilidoso, músico e químico que ganhou o favor das senhoras da corte francesa não só pelos ares gerais de mistério que o envolviam, corno também por sua habilidade suprema em preparar pigmentos e cosméticos com os quais lhes preservava pelo menos urna sombra da fugaz juventude.

Casanova descreve um encontro com Saint-Germain que aconteceu na Bélgica sob as circunstâncias mais incomuns. Chegando a Tournay, ficou surpreso ao ver alguns pagens conduzindo cavalos fogosos para cima e para baixo. Perguntou a quem pertenciam esses belos animais e lhe disseram: "Ao conde de Saint-Germain, o iniciado, que está aqui há um mês e jamais sai. Todos que passam pelo lugar querem vê-lo, mas ele não aparece para ninguém." Isso foi o suficiente para atiçar a curiosidade de Casanova, que escreveu pedindo um encontro. Ele recebeu a seguinte resposta: "A seriedade de minha ocupação me compele a excluir todos, mas em vosso caso farei urna exceção. Vinde quando quiserdes e sereis admitido. Não precisais mencionar meu nome nem o vosso. Não vos convido a partilhar de minha refeição, pois o meu alimento não é adequado para os outros, principalmente para vós, se o vosso apetite continua o mesmo de antes."

. As nove horas, Casanova chegou e descobriu que o conde havia deixado crescer urna barba de cinco centímetros de comprimento. Conversando com Casanova, o conde explicou sua presença na Bélgica dizendo que o conde Cobenzl, embaixador austríaco em Bruxelas, desejava estabelecer uma fábrica de chapéus e que ele estava cuidando dos detalhes. Ao dizer a Saint-Germain que estava sofrendo de uma doença aguda, Casanova foi convidado a ficar para tratamento, dizendo o conde que prepararia quinze pílulas que em três dias restituiriam ao italiano a saúde perfeita.

Casanova escreve:

"Então ele me mostrou seu *magistrum*, que chamou de *athoeter*. Era um líquido branco contido num frasco bem fechado. Ele me disse que este líquido era o espírito universal da Natureza e que se retirasse a cera da tampa, o mínimo que fosse, o conteúdo todo desapareceria. Supliquei- -I lhe que fizesse a experiência. Com isso, ele me deu o frasco e o alfinete e eu mesmo furei a cera. O frasco ficou vazio."

Casanova, sendo ele mesmo um tanto falastrão, duvidava de todos. Portanto, recusou-se a permitir que Saint-Germain tratasse sua doença. Não podia negar, porém, que Saint-Germain era um químico de conhecimentos extraordinários, cujas realizações eram espantosas, se não práticas. O iniciado recusou-se a revelar o propósito para o qual esses experimentos químicos se destinavam, afirmando que essa informação não podia ser dada.

Casanova relata ainda um incidente no qual Saint-Germain transmutou uma moeda de cobre em uma moeda de ouro puro. Sendo um São Tomé, Casanova declarou ter certeza de que Saint-Germain havia substituído uma moeda pela outra. Intimou o conde, que respondeu: "Aqueles que são capazes de guardar dúvidas sobre a minha obra não merecem falar comigo", e com uma mesura convidou o italiano a se retirar. Esta foi a última vez que Casanova viu Saint-Germain.

Há outra evidência de que o célebre conde possuía o pó alquímico com o qual é possível transmutar metais básicos em ouro. De fato, realizou este feito em pelo menos duas ocasiões, como atestam os escritos de contemporâneos. O marquês de Valbelle, ao visitar Saint-Germain em seu laboratório, encontrou o alquimista ocupado com seus fornos. Este pediu ao marquês uma moeda de prata de seis francos e, cobrindo-a com uma substância negra, a expôs ao calor de uma pequena chama ou forno. M. de Valbelle viu a moeda

mudar de cor até um vermelho vivo. Alguns minutos depois, quando esfriou um pouco, o iniciado tirou-a da vasilha de resfriamento e devolveu-a ao marquês. Essa peça não era mais de prata, mas do mais puro ouro. A transmutação fora completa. A condessa d'Adhemar teve a posse dessa moeda até 1786, quando foi roubada de sua escrivãzinha.

Um autor conta-nos que "Saint-Germain sempre atribuiu seu conhecimento da química oculta à sua estada na Ásia. Em 1755, ele foi para o Oriente pela segunda vez e, escrevendo ao conde von Lamberg, afirmou: 'Devo meu conhecimento de fundir pedras preciosas à minha segunda viagem à Índia.'"

Existem demasiados casos autênticos de transmutação metálica para que não se possa condenar Saint-Germain como charlatão por causa dessa façanha. A medalha Leopold-Hoffman, ainda em posse dessa família, é o exemplo mais notório da transmutação de metais já registrado. Dois terços desta medalha foram transformados em ouro pelo monge Wenzel Seiler, deixando o equilíbrio-da prata que era seu estado original. Neste caso, a fraude era impossível, já que existia apenas uma cópia da medálha. A facilidade com que condenamos, como fraudulenta e irreal, qualquer coisa que transcenda nosso entendimento fez recair injustificada calúnia sobre nomes e memórias de muitas pessoas ilustres.

A crença popular de que o conde de Saint-Germain não passava de um aventureiro não é sustentada por um partícula sequer de evidência. Nunca detectaram qualquer subterfúgio nele e jamais ele traiu, mesmo num mínimo grau, a confiança que lhe dedicavam. Sua grande fortuna - pois sempre teve abundância dos bens deste mundo - não era tomada daqueles com quem teve contato. Todos os esforços para determinar a fonte e o tamanho de sua fortuna foram vãos. Ele não usava banco nem banqueiro, no entanto movia-se numa esfera de crédito ilimitado, que não era questionado pelos outros e do qual ele não abusava.

Referindo-se aos ataques ao seu caráter, H. P. Blavatsky escreveu em *The Theosophist*, de março de 1881:

"Será que charlatões desfrutam da confiança e admiração dos estadistas e nobres mais inteligentes da Europa durante longos anos, e nem mesmo à sua morte mostram o que quer que seja para provar que não eram merecedores dessa imagem? Alguns enciclopedistas (ver *New American Cyclopedia*, xiv. 266) dizem: 'Supõe-se que ele *foi empregado durante a maior parte de sua vida como esPião* nas cortes nas quais morou.' Mas qual é a evidência na qual se baseia essa suposição? Será que alguém a encontrou em quaisquer documentos estatais nos arquivos secretos de uma dessas cortes? Nenhuma palavra, nenhum fato para construir essa calúnia jamais foram encontrados. É simplesmente uma mentira mal-intencionada. O tratamento que esse grande homem, esse aluno dos hierofantes hindus e egípcios, esse perito na sabedoria secreta do Oriente, teve por parte dos escritores ocidentais é um estigma sobre a natureza humana."

Nada se sabe a respeito da fonte do conhecimento oculto do conde de Saint-Germain. Com toda a certeza, ele não só demonstrava possuir uma vasta sabedoria, mas também deu muitos exemplos corroborando suas reivindicações. Quando lhe perguntaram uma vez sobre ele mesmo, respondeu que seu pai era a Doutrina Secreta e sua mãe, os Mistérios. Saint-Germain tinha total domínio dos princípios do esoterismo oriental. Praticava o sistema oriental de meditação e concentração, tendo sido visto, em várias ocasiões, sentado com os pés cruzados e mãos unidas na posição de um Buda hindu. Possuía um retiro no coração do Himalaia para onde se retirava, periodicamente, do mundo. Em certa ocasião, declarou que permaneceria na Índia por oitenta e cinco anos e depois retomaria à cena de seus trabalhos na Europa.

Em diversas ocasiões, admitiu que obedecia as ordens de um poder mais alto e maior que ele mesmo. O que não disse era que este poder superior era a Escola de Mistérios que o enviara para o mundo a fim de realizar uma missão específica. O conde de Saint-Germain e sir Francis Bacon são os dois maiores emissários enviados ao mundo pela Irmandade Secreta nos últimos mil anos.

Os princípios disseminados pelo conde de Saint-Germain eram sem dúvida de origem rosacruz e

permeados pelas doutrinas dos gnósticos. O conde foi o espírito impulso r do movimento rosacruz durante o século XVIII - possivelmente, o verdadeiro chefe dessa ordem - e suspeita-se que foi o grande poder por trás da Revolução Francesa. Existe razão também para acreditar que o famoso romance de lorde Bulwer-Lytton, *Zanoni*, seja na verdade o relato da vida e das atividades de Saint-Germain. Geralmente, é considerado como uma figura importante nas primeiras atividades dos maçons. Entretanto, foram feitas várias tentativas no sentido de desacreditar sua afiliação maçônica, por motivos que ainda permanecem ocultos. Maags de Londres estão oferecendo à venda um livrinho maçônico no qual aparecem as assinaturas do conde de Saint-Germain e do marquês de Lafayette. Ainda será estabelecido, além de qualquer dúvida, que o conde foi maçom e templário. De fato, as memórias de Cagliostro contêm uma afirmação direta de sua própria iniciação na ordem dos Cavaleiros Templários pelas mãos de Saint-Germain. Muitos personagens ilustres com quem o conde se associava eram maçons de altos graus, e foram preservadas suficientes anotações com respeito às discussões que mantiveram, para provar que era um mestre do conhecimento maçom.

Madame d'Adhemar que preservou tantas histórias da vida do "homem maravilha", copiou de uma das cartas de SaintGermain os seguintes versos proféticos pertinentes à queda do Império Francês:

"O tempo se aproxima rapidamente quando a França imprudente,
Cercada pela desgraça que ela poderia ter-se poupado,
Evocará um inferno tal qual Dante pintou.
Veremos cair cetro, turíbulo, balança,
Torres e brasões, até a bandeira branca.
Grandes rios de sangue correm em cada cidade; Somente soluços ouço e exílios vejo.
De todos os lados a discórdia civil treveja alto
E emitindo gritos, de todas os lados a virtude foge Enquanto da Assembléia votos de morte se erguem.
Grande Deus, quem pode responder aos juizes assassinos? E sobre que augustas fronte eu vejo
descerem as espadas!

Maria Antonieta ficou muito perturbada pela natureza medonha das profecias e perguntou a madame d'Adhemar sua opinião quanto ao seu significado. Madame respondeu: "São desoladoras mas, certamente, não podem afetar Vossa Majestade."

Madame d'Adhemar também relata um incidente dramático. Saint-Germain ofereceu-se para encontrar a boa senhora na Igreja de *Recollets* por volta da missa das oito horas. Madame foi ao lugar de encontro numa liteira e registrou a seguinte conversa entre ela e o misterioso iniciado:

Saint-Germain: - Sou Cassandra, profetisa do mal... Madame, aquele que semeia vento colhe tempestade... eu nada posso fazer; minhas mãos estão atadas por alguém mais forte do que eu.

Madame: - Ireis ver a rainha?

Saint-Germain: - Não. Ela está condenada.

Madame: - Condenada a quê?

Saint-Germain: - Morte.

Madame: - E vós - vós também?

Saint-Germain: - Sim - como Cazotte -. Voltai ao Palácio; dissei à rainha que se cuide, que este dia será fatal para ela. Madame: - Mas o senhor de Lafayette...

Saint-Germain: - Um balão inflado de vento. Agora mesmo estão decidindo o que fazer com ele, se será instrumento ou vítima. Até o meio-dia tudo será decidido. A hora do descanso acabou, e os decretos da Providência devem ser cumpridos.

Madame: - O que eles querem?

Saint-Germain: - A ruína total dos Bourbons. Eles os expulsarão de todos os tronos que ocupam e, em menos de um século, voltarão em todos os seus diferentes ramos para a classe de simples indivíduos. A França, como reino, república, império e governo misturado será atormentada, agitada, rasgada. Das mãos dos tiranos de classe ela passará para aqueles que são ambiciosos e destituídos de mérito.

O conde de Saint-Germain desapareceu do palco do misticismo francês tão repentinamente e inexplicavelmente como havia aparecido. Nada se sabe com certeza depois desse desaparecimento. Dizem os transcendentalistas que ele se retirou para a ordem secreta que o enviara para o mundo com um propósito específico e peculiar. Tendo realizado essa missão, desapareceu. Das *Memoirs de Mon Temps*, de Charles, *Landgrave* (nobre proprietário) de Hesse Cassel, obtemos vários detalhes com relação aos últimos anos antes da morte ou desaparecimento do iniciado húngaro. Charles tinha profundo interesse no oculto e nos mistérios maçons, e uma sociedade secreta, da qual era o espírito propulsor, realizava reuniões ocasionais em sua propriedade. Os propósitos desta organização eram semelhantes, se não idênticos, ao ritual egípcio de Cagliostro. De fato, depois de estudar os fragmentos deixados pelo *Landgrave*, a alegação de Cagliostro de que tinha sido iniciado na maçonaria egípcia por Saint-Germain fica comprovada além de qualquer dúvida razoável. O "Homem Maravilha" esteve presente em pelo menos algumas dessas reuniões secretas e de todos que conheceu durante a vida, confiava mais no príncipe Charles do que em qualquer outro homem. Os últimos anos da vida conhecida de Saint-Germain foram, portanto, divididos entre sua pesquisa experimental em alquimia com Charles de Hesse e a Escola de Mistérios de Louisenlund, em Schleswig, onde se discutiam problemas filosóficos e políticos.

De acordo com a tradição popular, foi na propriedade do príncipe Charles que Saint-Germain finalmente morreu numa data divulgada como sendo 1784. As estranhas circunstâncias ligadas ao seu falecimento levam-nos a suspeitar de que foi um funeral falso, semelhante ao dado ao iniciado inglês, -lorde Bacon. Observou-se que "Grande incerteza e imprecisão cercam seus últimos dias, pois não se pode confiar no anúncio da morte de um iluminado feito por outro iluminado, pois, como bem se sabe, todos os meios para assegurar o fim eram justificáveis em seu código, e pode ter sido do interesse da sociedade que Saint-Germain fosse considerado morto." H. P. Blavatsky observa:

"Não é absurdo supor que, se ele realmente morreu naquela época e lugar mencionados, teria sido colocado na terra sem pompa e cerimônia, sem a supervisão oficial e o registro na polícia que atendem os funerais de homens de sua classe e notoriedade? Onde estão estes dados? Ele desapareceu da vista pública há mais de um século, no entanto, nenhum livro de memórias os contém. Um homem que viveu assim na luz total da publicidade não poderia ter desaparecido, *se realmente tivesse morrido naquele tempo e lugar*, sem deixar pistas. Além do mais, temos a alegada prova positiva de que ele estava vivo vários anos depois de 1784. Dizem que teve uma conferência particular muito importante com a Imperatriz da Rússia em 1785 ou 1786, e que apareceu à princesa de Lambelle quando ela estava diante do tribunal, poucos minutos antes que fosse derrubada com uma barra de ferro, e um aprendiz de açougueiro decepasse sua cabeça; e para Jeanne Dubatry, amante de Luís xv, quando ela esperava no cadafalso, em Paris, o golpe da guilhotina nos Dias do Terror em 1793."

Deve-se acrescentar que o conde de Chalons, quando voltou de uma embaixada a Veneza em 1788, disse que havia conversado com o conde de Saint-Germain na praça de São Marcos, na noite anterior à sua partida. A condessa d'Adhemar também o viu e falou com ele depois de sua presumida morte, e a Enciclopédia Britânica nota que dizem que ele participou de uma conferência maçônica vários anos depois de relatada sua morte. Na conclusão de um artigo sobre a identidade do inescrutável conde, Andrew Lang escreve: "Será que Saint-Germain realmente morreu no palácio do príncipe Charles de Hesse por volta de

178G-85? Será que ele, por outro lado, fugiu da prisão francesa onde Grosley acreditou tê-lo visto, durante a Revolução? Será que lord Lytton o conheceu por volta de 1860? (...) Será ele o misterioso conselheiro moscovita do Dalai Lama? Quem sabe? Ele é o fogofátuo dos biógrafos do século XVIII." (Ver *Historical Mysteries*.)

O verdadeiro propósito pelo qual Saint-Germain labutou deve continuar obscuro até a aurora de uma nova era. Homero se refere à Corrente Dourada com a qual os deuses conspiraram amarrar a terra ao pináculo do Olimpo. Em cada era aparecem algumas poucas pessoas cujas palavras e ações demonstram claramente que são de uma ordem diferente do resto da sociedade. A humanidade é guiada através de períodos críticos no desenvolvimento da civilização por forças misteriosas como as personificadas no excêntrico conde de Saint-Germain. Enquanto não reconhecermos a realidade das forças ocultas que operam na vida cotidiana, não poderemos captar nem o significado do homem, nem de sua obra. Para os sábios, Saint-Germain não é nenhuma maravilha - para aqueles que são limitados pela crença na inevitabilidade do lugar comum, ele é de fato um mago, que desafia as leis da natureza, e viola a presunção dos pseudoeruditos.

CAPITULO II

O MAIS RARO DOS MANUSCRITOS OCULTOS

Este manuscrito único, *La Tres Sainte TrinosoPhie*, é de máxima importância para todos os estudiosos da maçonaria e das ciências ocultas. Não só é o único escrito místico do conde de Saint-Germain, como também é um dos documentos mais extraordinários relativos às ciências herméticas jamais compilado. Embora as bibliotecas dos rosacruzistas e dos cabalistas europeus contenham muitos tesouros raros do antigo saber filosófico, é extremamente duvidoso que qualquer uma delas tenha um tratado de maior valor ou importância. Há um persistente rumor de que Saint-Germain possuía uma magnífica biblioteca e que preparou certa quantidade de manuscritos sobre as ciências secretas para o uso de seus discípulos. Por ocasião de sua morte ou desaparecimento, esses livros escritos desapareceram, provavelmente ocultos nos arquivos de sua sociedade, e nenhuma informação confiável está hoje disponível quanto ao seu paradeiro.

Sabe-se que o misterioso conde possuía numa época uma cópia do manuscrito da Cabala, pertencente ao Vaticano, obra de extraordinária profundidade que descrevia as doutrinas dos Luciferianos, Lucianistas e dos Gnósticos. O segundo volume de *A Doutrina Secreta* de H. P. Blavatsky (pp. 582-83 da edição normal) contém duas citações de um manuscrito "supostamente de autoria do conde Saint-Germain". As partes dos parágrafos atribuídos ao iniciado húngaro não são claramente indicados, mas como o texto inteiro aborda o significado dos números, é razoável inferir que seus comentários sejam interpretações místicas dos numerais 4 e 5. Os dois parágrafos são semelhantes em conteúdo ao *Puissance des nombres d'après Pythagore* de Jean Marie Ragon. O Mahatma Koot Hoomi menciona um "Ms. cifrado" de Saint-Germain que ficou com seu fiel amigo e patrono, o bondoso príncipe Charles de Hesse-Cassel (ver *Mahatma Letters to A. P. Sinnett*). Referências a Saint-Germain comparativamente pouco importantes, e especulações mirabolantes quanto à sua origem e ao propósito de suas atividades européias são abundantes, mas a pesquisa extremamente exaustiva da obra dos biógrafos do século XVIII em busca de informações relativas às doutrinas maçônicas e metafísicas que ele promulgou foram infrutíferas. Até onde foi possível assegurar, a presente tradução e publicação de *La Tres Sainte TrinosoPhie* oferece a primeira oportunidade para possuir uma obra que mostra... da usual maneira velada e simbólica... as doutrinas esotéricas de Saint-Germain e seus associados.

*** Desde a primeira publicação desta obra, outro manuscrito de Saint-Germain foi encontrado. Está em minha posse e será publicado em breve. (M. P. H.)

La Tres Sainte Trinosophie é MS. nQ 2400 na Biblioteca Francesa de Troyes. A obra não é extensa, consistindo em noventa e seis folhas escritas de um só lado. A caligrafia é excelente. Embora um tanto irregular na ortografia e na acentuação, o francês é usado de forma erudita e dramática, e o texto é adornado por numerosas figuras, bem desenhadas e de cores brilhantes. Além dos desenhos de página inteira, há pequenos símbolos no início e no fim de cada seção. Pelo texto francês estão espalhadas letras, palavras e frases em várias línguas antigas. Há também símbolos mágicos, figuras parecidas com hieróglifos egípcios e algumas palavras numa escrita que parece cuneiforme. No final do manuscrito há várias folhas escritas em criptogramas arbitrários, possivelmente o código usado pela sociedade secreta de Saint-Germain. A obra foi provavelmente executada no final do século XVIII, embora a maior parte do material pertença a um período consideravelmente anterior.

Infelizmente, muito pouco se sabe quanto à história deste notável manuscrito. O ilustre mártir maçom,

o conde Allesandro Cagliostro, levava consigo este livro, entre outros, durante sua desventurada viagem a Roma. Depois do encarceramento de Cagliostro no Castelo San Leo, todos os vestígios do manuscrito foram temporariamente perdidos. Finalmente seus pertences literários acabaram caindo em posse de um general do exército de Napoleão, e com a morte deste oficial, *La Tres Sainte Trinosophie* foi comprada a um preço simbólico pela Biblioteca de Troyes. Em seu *Musée des Sorciers*, Grillot de Givry acrescenta algo às minguadas notas com relação ao manuscrito. Ele afirma que o volume foi comprado na venda das posses de Messena, que na frente do livro há uma nota de um filósofo que assina como "I. B. C. Philotaume", que declara que o manuscrito lhe pertencia e é a única cópia existente da famosa *Trinosophie* do conde de Saint-Germain, cujo original o próprio conde destruiu numa de suas viagens. A nota acrescenta, então, que Cagliostro havia possuído o volume, mas que a Inquisição o confiscou em Roma quando ele foi aprisionado no final de 1789. (Deve-se lembrar que Cagliostro e sua esposa visitaram Saint-Germain num castelo em Holstein). De Givry resume o conteúdo de *La Tres Sainte Trinosophie* como "alquimia cabalizada" e descreve Saint-Germain como "um dos personagens enigmáticos do século XVIII... um alquimista e homem do mundo que passou pelas salas de estar de toda a Europa e acabou caindo nas masmorras da Inquisição em Roma, se acreditarmos no manuscrito."

Ô título do manuscrito, *La Tres Sainte Trinosophie*, traduzido para o português significa "A Santíssima Trinosophia" ou "A Santíssima Sabedoria Tríplice". O próprio título abre um campo considerável de especulações. Existe alguma ligação entre *La Très Sainte Trinosophie* e a irmandade maçônica de *Lés Trinosophists*, que foi fundada em 1805 pelo eminente maçom e místico belga Jean Marie Ragon, já mencionado? O conhecimento do ocultismo que Ragon possuía é mencionado em termos de altíssimo respeito por H. P. Blavatsky que diz dele que "durante cinquenta anos, estudou os antigos mistérios onde quer que encontrasse relatos deles". Seria possível que Ragon, quando Jovem, tivesse conhecido Saint-Germain ou contatado sua sociedade secreta? Ragon foi definido por seus contemporâneos como "o mais erudito maçom do século XIX". Em 1818, perante a Loja de *Les Trinosophists*, ele deu uma série de palestras sobre iniciação antiga e moderna, que repetiu a pedidos daquela loja em 1841. Essas palestras foram publicadas com o título *Cours Philosophique et Interprétatif des Initiations Anciennes et Modernes*. Em 1853, Ragon publicou sua obra mais importante *Orthodoxie Maçonnique*. Ragon morreu em Paris por volta de 1866 e dois anos depois seus manuscritos inacabados foram adquiridos de seus herdeiros pela Grand Orient da França por mil francos. Um maçom de grau elevado disse a Madame Blavatsky que Ragon havia se correspondido durante anos com dois orientistas na Síria e no Egito, um dos quais era um cavalheiro copta.

Ragon definiu a Loja dos *Trinosophists* como "aqueles que estudam três ciências". Madame Blavatsky escreve: "E sobre as propriedades ocultas das três linhas ou lados iguais do Triângulo que Ragon baseou seus estudos e fundou a famosa Sociedade Maçom dos *Trinosophists*." Ragon descreve substancialmente o simbolismo do triângulo conforme se segue: "O primeiro lado ou linha representa o reino mineral, que é o estudo adequado para Aprendiz. A segunda linha representa o reino vegetal que os Companheiros deveriam aprender a entender porque nesse reino começa a geração dos corpos. A terceira linha representa o reino animal de cuja exploração o Mestre Maçom deve completar sua educação." Dizem sobre a Loja dos Trinosofistas que "houve uma época em que foi a mais inteligente sociedade maçônica jamais conhecida. Ela aderiu aos antigos Preceitos mas fornecia interpretações mais claras e mais satisfatórias dos símbolos da maçonaria do que as dadas nas Lojas simbólicas", Ela praticava cinco graus. No terceiro, os candidatos à iniciação recebiam uma explicação filosófica e astronômica da lenda de Hiram.

A interpretação egípcianizada do simbolismo maçom, que é tão evidente nos escritos de Ragon e outros estudiosos maçons franceses do mesmo período (tais como Court de Gebelin e Alexandre Lenoir), também está presente nas figuras e no texto do manuscrito de Saint-Germain. Em seus comentários sobre o Ritual de Misraim, chamado de Ritual Egípcio, Ragon distingue 90 graus dos Mistérios Maçônicos. Do primeiro ao 33º grau ele chama de simbólico; do 34º ao 66º graus, filosófico; do 67º ao 77º graus, místico; e do 78º ao

90°, cabalístico. A Maçonaria Egípcia de Cagliostro pode também ter derivado de Saint-Germain ou de algum corpo comum de Iluministas de quem Saint-Germain era o espírito propulsor. As memórias de Cagliostro contêm uma afirmação direta de sua iniciação na Ordem dos Cavaleiros Templários pelas mãos de Saint-Germain. De Luchet fornece o que um escritor moderno sobre Cagliostro chama de relato fantástico da visita que Allesandro e esposa, a condessa Felicitas, fizeram a Saint-Germain na Alemanha, e sua subsequente iniciação por ele na seita dos rosacruzes - da qual ele era o Grande Mestre, ou chefe. Não há nada de improvável na suposição de que Cagliostro tenha recebido *La Tres Sainte TrinosoPhie* de Saint-Germain e que o manuscrito seja, em todos os aspectos, um autêntico ritual desta sociedade.

A palavra *TrinosoPhie* infere bem apropriadamente um significado triplo ao conteúdo do livro, em outras palavras, que seu significado deveria ser interpretado com a ajuda de três chaves. Segundo o simbolismo, parece que uma dessas chaves é alquimia, ou química da alma. Outra, Cabalismo Essênio, e a terceira, Hermetismo Alexandrino, o misticismo dos egípcios mais recentes. Segundo fragmentos do saber rosacruz que hoje existem, torna-se evidente que os Irmãos da Rosa Cruz eram especialmente ligados a essas três formas de sabedoria antiga, e escolheram os símbolos dessas escolas como veículos de suas idéias.

A tarefa técnica de decodificar os hieróglifos que aparecem em *La Tres Sainte TrinosoPhie* foi designada ao doutor Edward C. Getsinger, eminente autoridade em alfabetos e línguas antigas, que agora está empenhado em decodificar os criptogramas Primitivos do Livro do Gênese. Algumas palavras de suas anotações darão a idéia das dificuldades envolvidas na decodificação:

"Os escritos arcaicos costumam ser num sistema de letras ou caracteres, mas aqueles dentre os antigos, que estavam de posse dos mistérios sagrados da vida e de certos ciclos astronômicos secretos, nunca confiaram esse conhecimento à escrita comum, mas inventaram códigos secretos com os quais ocultavam sua sabedoria dos não merecedores. Cada uma dessas comunidades ou fraternidades dos iluminados inventava seu próprio código. Por volta de 3000 a. C., somente os Iniciados e seus escribas sabiam ler e escrever. Naquele período, estavam em voga os métodos mais simples de ocultamento, um dos quais era omitir determinadas letras das palavras, de maneira que as letras remanescentes ainda formassem uma palavra que, porém, transmitia um sentido totalmente diferente. Com a sucessão das eras, outros sistemas foram inventados, até que a engenhosidade humana excedeu os limites no empenho de ocultar, e ao mesmo tempo, perpetuar o conhecimento sagrado.

Com o intuito de decifrar escritos antigos de uma natureza religiosa ou filosófica, primeiro é necessário descobrir o código ou método de ocultamento usado pelo escriba. Em todos os meus vinte anos de experiência como leitor de escritos arcaicos, nunca encontrei códigos e métodos de ocultamento tão engenhosos como os encontrados neste manuscrito. Em apenas poucos casos, frases completas são escritas no mesmo alfabeto; usualmente duas ou três formas de escrita são usadas, com letras escritas de cabeça para baixo, invertidas ou com o texto escrito de trás para a frente. Frequentemente, as vogais são omitidas, e às vezes, várias letras estão faltando com apenas pontos para indicar sua quantidade. Todas as combinações de hieróglifos pareciam infrutíferas no início, no entanto, após horas de dissecação alfabética, aparecia uma palavra conhecida. Isto dava uma dica quanto à linguagem usada, e estabelecia um lugar onde a combinação de palavras poderia começar, e então, uma sentença se desdobrava gradualmente.

Os diversos textos são escritos em hebraico caldeu, grego jônico, árabe, siríaco, cuneiforme, hieróglifos gregos e ideogramas. A nota chave neste material é a da aproximação da era em que a Perna do Grande Homem e o Aquário do Zodíaco irão se encontrar em conjunção no equinócio e terminar um grande ciclo de 400.000 anos. Isto aponta para uma culminação de éons, conforme mencionado no Apocalipse: 'Vejam! Eis que eu crio um novo céu e uma nova terra', significando uma série de novos ciclos e uma nova humanidade.

O personagem que reuniu o material neste manuscrito foi de fato alguém cujo entendimento espiritual

poderia ser invejado. Sem dúvida, ele encontrou estes diversos textos em diferentes partes da Europa. Que ele possuía o verdadeiro conhecimento de sua importância é provado pelo fato de que tentou ocultar cerca de quarenta textos antigos fragmentados, espalhando-os dentro das linhas de sua escrita. No entanto, seu próprio texto não parece ter qualquer conexão com estes escritos antigos. Caso um decifrador se guiasse pelo que este erudito eminente escreveu, ele jamais decifraria o mistério oculto dentro das palavras críticas. Há uma maravilhosa história espiritual escrita por esse sábio, e uma ainda mais maravilhosa que ele entreteceu dentro do padrão de sua própria narrativa. O resultado é uma história dentro de uma história."

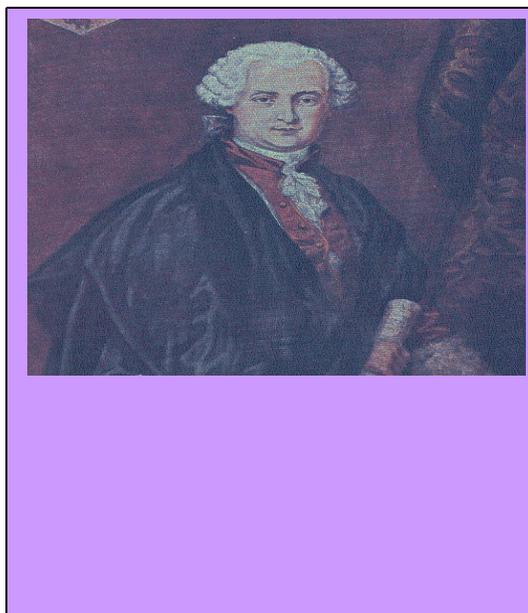
A reimpressão do texto francês de *La Tres Sainte Trinosophie* é um facsimile fotostático completo da obra original que está na biblioteca de Troyes. O presente manuscrito é sem dúvida uma cópia, como "Philotaume" afirmou. Os caracteres arcaicos e os hieróglifos revelam pequenas imperfeições de fonação devido ao copista não ter familiaridade com os alfabetos usados. A considerável extensão das notas e dos comentários tornou aconselhável colocá-los juntos no final da obra em vez de quebrar a continuidade do texto com freqüentes interpolações.

La Tres Sainte Trinosophie não é um manuscrito para principiantes. Somente um profundo estudo e reflexão irão desvelar o complicado tecido de seu simbolismo. Embora a matéria do texto seja tratada com a maior simplicidade, cada linha é um profundo enigma. Um cuidadoso estudo do livro, e meditação sobre seu conteúdo, convencerão o estudioso de que ele foi denominado apropriadamente de "o mais precioso manuscrito de ocultismo conhecido".

PARTE II

A SANTÍSSIMA TRINOSOFIA

Conde de Saint-Germain



TRADUÇÃO DO MANUSCRITO

SEÇÃO I

Dentro da prisão, dentro dos cárceres da Inquisição, que teu amigo traça estas linhas que devem servir à tua instrução. Sonhando com as vantagens inestimáveis que deve te conferir este escrito de amizade, eu sinto mais doces os horrores de uma prisão tão longa quanto pouco merecida... Tenho prazer em pensar que, cercado de guardas, impedido por ferros, um escravo ainda pode elevar seu amigo acima dos poderosos, dos monarcas que governam este lugar de exílio.

Vais penetrar, meu caro Philochale, no santuário das ciências sublimes. Minha mão vai levantar para ti o véu impenetrável que oculta aos olhos do vulgo o tabernáculo, o santuário onde o Eterno deposita os segredos da natureza, segredos que Ele reserva para alguns privilegiados, para os Eleitos que sua onipotência cria para Ver, para elevar ao seu lado na imensidão de sua Glória, e despejar sobre a espécie humana um dos raios que brilham ao redor do seu trono de ouro.

Possa ser o exemplo de teu amigo uma lição salutar e eu bendirei os longos anos de provas que os perversos me fizeram sofrer.

Dois obstáculos igualmente perigosos se apresentarão sempre diante de teus passos. Um ultrajaria os direitos sagrados de cada indivíduo: é o Abuso do poder que Deus te confiou. Outro causaria tua ruína: é a Indiscrição... Ambos nasceram da mesma mãe, ambos devem sua existência ao Orgulho. A fraqueza humana os alimenta. Eles são cegos, sua mãe os conduz. Com sua ajuda, estes dois monstros vão levar seu alento impuro até os corações dos **Eleitos do Altíssimo**. Infeliz daquele que abusar das dádivas do céu para servir suas paixões. A mão toda poderosa que submete os Elementos o destruirá como a um frágil graveto.

Uma eternidade de tormentos mal poderá expiar o seu crime.

Os espíritos infernais rirão com desdém das lágrimas do ser cuja voz ameaçadora os fez frequentemente tremer no fundo dos seus abismos de fogo.

Não é por ti, Philochale, que esboço esta cena assustadora - o amigo da humanidade jamais será seu perseguidor..., mas a Indiscrição, meu filho, essa necessidade imperiosa de inspirar espanto e admiração, eis o precipício que eu receio por ti. Deus deixa aos homens a tarefa de punir o ministro imprudente que permite ao olho profano penetrar no santuário misterioso.

Ó Philochale, que minhas desventuras estejam sempre presentes em teu espírito. E eu também conheci a bondade. Coberto de bênçãos dos céus, cercado de um poder tal que o entendimento humano não pode conceber, comandando os gênios que dirigem o mundo, feliz pela bondade que eu fazia nascer,

desfrutei, no seio de uma família adorada, a felicidade que o Eterno' presenteia aos seus filhos queridos. Um instante destruí tudo, eu falei, e tudo se desfez como uma nuvem.

Ó, meu filho, não sigas os meus rastros... Que um vão desejo de brilhar aos olhos do mundo não cause também tua ruína. Pensa em mim, é dentro de um cárcere, com o corpo marcado pelas torturas, que teu amigo te escreve.

Philochale, reflete que a mão que traça estas letras leva a marca dos ferros que a oprimem... Deus me puniu. Mas, o que fiz eu aos homens cruéis que me perseguem? Que direito têm eles de interrogar o ministro do Eterno? Eles me perguntam quais são as provas de minha missão. Meus testemunhos são os meus prodígios. Meus defensores: minhas virtudes, uma vida intacta, um coração puro. Que digo eu, tenho ainda o direito de me queixar? Eu falei. O Altíssimo me deixou sem força e sem poder, à mercê dos furores do avaro fanatismo. O braço que outrora podia conter um exército, hoje mal pode levantar as correntes que o oprimem.

Eu me perdi. Devo render graças à Eterna Justiça... o Deus vingador perdoou seu filho arrependido. Um espírito Aéreo atravessou as paredes que me separam do mundo resplandecente de luz. Ele se apresentou diante de mim, fixou o término do meu cativeiro. Dentro de dois anos, meus infortúnios findarão. Meus carrascos, ao entrar em meu cárcere, o acharão vazio. E logo, purificado pelos quatro elementos, puro como o gênio do fogo, eu recuperarei o lugar glorioso para onde a bondade divina me elevou. Mas, o quanto este final ainda está longínquo!

Quão longos parecem dois anos para aquele que os passa em sofrimentos, em humilhações! Não contentes de me fazerem sofrer os suplícios mais horríveis, meus perseguidores empregaram para me atormentar os meios mais sórdidos, mais odiosos ainda. Eles chamaram a infâmia sobre minha cabeça. Eles fizeram de meu nome um objeto de escárnio. Os filhos dos homens recuam com pavor quando o acaso os faz aproximarem-se das paredes da minha prisão. Eles crêem que um vapor mortal escape pela abertura estreita, que deixa passar, como um lamento, um raio de luz em minha cela. Ó Philochale! É o golpe mais cruel que eles podiam desferir em mim...

Ignoro ainda se poderei enviar-te esta obra... Julgo as dificuldades que enfrentarei para fazê-la sair deste lugar de tormentos, e o que devo vencer para terminá-la. Privado de todo auxílio, compus eu mesmo os elementos que me são necessários. O fogo de minha lâmpada, algumas moedas e um pouco de substâncias químicas, escondidas aos olhares perscrutadores de meus carrascos, produziram cores que ornaram este fruto dos lazes de um prisioneiro.

. Aproveita as lições de teu infortunado amigo, elas são tão claras, que existe o perigo de que este escrito caia em outras mãos que não as suas... Lembra-te somente que tudo deve te servir. Uma linha mal explicada, uma letra esquecida, te impediriam de levantar o véu que a mão do Criador pousou sobre a Esfinge.

Adeus, Philochale. Não me lamentes. A Clemência do Eterno iguala sua justiça. À primeira assembléia misteriosa reverás teu amigo. Eu te saúdo em Deus. Em breve darei o beijo da paz em meu irmão.

SEÇÃO II

Era noite, a lua coberta pelas nuvens sombrias não lançava mais que um clarão incerto sobre os blocos de lava que envolviam a Solfatara¹. A cabeça coberta com um véu de linho, tendo em minhas mãos o ramo de ouro, avancei sem medo para o lugar onde recebia ordem de passar a noite. Errando sobre uma areia quente, senti-a, a cada instante, ceder sob meus passos. As nuvens acumulavam-se sobre minha cabeça. O relâmpago rasgava o vazio e dava uma cor de sangue às chamas do vulcão...

Enfim eu chego, encontro um altar de ferro, aí deposito o ramo misterioso... pronuncio as palavras temíveis... No mesmo instante, a terra treme sob meus pés, o trovão eclode... os bramidos do Vesúvio respondem aos seus golpes redobrados. Seus fogos se juntam aos fogos do raio... Os coros dos gênios se elevam nos ares e fazem repetir em ecos os louvores do Criador... O ramo consagrado que eu coloquei sobre o altar triangular se inflama imediatamente e, logo, uma espessa fumaça me envolve. Eu cesso de ver. Mergulhado em trevas, acredito descer a um abismo. Ignoro quanto tempo estive nessa situação mas, abrindo os olhos, procurei em vão pelos objetos que há pouco tempo estiveram ao meu redor. O altar, o Vesúvio, o campo de Nápoles ficaram longe de meus olhos, eu estava em um vasto subterrâneo, só, isolado do mundo inteiro... Perto de mim estava uma veste longa, branca. Seu tecido fino pareceu-me composto de fios de linho. Sobre uma pedra de granito estava uma lâmpada de cobre; embaixo, uma mesa negra, gravada com caracteres gregos, me indicava a rota que eu devia seguir.

¹ Solfatara: cratera de vulcão em estágio senil, que expelle gás sulfídrico ou vapores de enxôfre.

Peguei a lâmpada e, depois de vestir a roupa, entrei numa passagem estreita, cujas paredes eram revestidas de mármore negro... Tinha três milhas de extensão. Meus passos ressoavam de maneira espantosa sob as abóbadas silenciosas. Enfim encontrei uma porta; ela conduzia a degraus, eu os descí. Depois de andar muito tempo, acreditei ver um clarão errante à minha frente e tampei a lâmpada. Fixei os olhos sobre o objeto que eu entrevia; ele se dissipou, se esvaiu, como uma sombra.

Sem censuras pelo passado, sem medo pelo futuro, continuei avançando. O caminho se tornava cada vez mais penoso... sempre confinado nas galerias de pedra negra... eu não ousava prever o término de minha viagem subterrânea. Enfim, depois de uma caminhada imensa, cheguei a um recinto quadrado. Uma porta se abria no meio de cada uma de suas quatro faces; elas eram de cores diferentes e cada uma situada em um dos quatro pontos cardeais. Entrei por aquela do Setentrião: era negra. A que estava à minha frente era vermelha, a porta do Oriente era azul, a que lhe estava oposta era de uma brancura ofuscante. No centro desta sala, havia uma pedra quadrada, uma estrela de cristal brilhava em seu centro. Via-se uma pintura sobre a face setentrional; representava uma mulher nua até a cintura, uma saia preta lhe caía sobre os joelhos, duas fitas de prata ornavam sua vestimenta. Em sua mão havia uma varinha. Ela a pousava sobre a fronte de um homem colocado à sua frente. Uma mesa apoiada num único pé estava entre eles; sobre a mesa estavam uma taça e uma ponta de lança. Uma chama tênue se elevava da terra e parecia dirigir-se ao homem. Uma inscrição explicava o significado dessa pintura; outra indicava os meios que eu devia empregar para sair da sala.

Desejei me retirar depois de olhar o quadro e a estrela. Eu ia entrar pela porta vermelha, quando esta, girando sobre seus gonzos com um barulho espantoso, se fechou diante de mim. Tentei o mesmo com aquela que tinha a cor do céu, ela não se fechou, mas um ruído repentino me fez voltar a cabeça. Vi a estrela se agitar; ela se deslocou, revolveu e se lançou rapidamente pela abertura da porta branca. Eu a segui imediatamente.

SEÇÃO III

Um vento impetuoso se elevou, me custava manter minha lâmpada acesa. Enfim, uma plataforma de mármore branco se ofereceu à minha vista; subi até ela por nove degraus. Chegado ao último, divisei uma imensa extensão de água. À minha direita se faziam ouvir torrentes impetuosas. À minha esquerda, uma chuva fria misturada a pedaços de granizo caía perto de mim. Eu contemplava esta cena majestosa, quando a estrela que me havia guiado até a plataforma e que se balançava lentamente sobre a minha cabeça, lançou-se ao abismo. Acreditei ler as ordens do Altíssimo. Eu me precipitei ao meio das ondas.

Uma mão invisível pegou minha lâmpada e a colocou no alto de minha cabeça. Abri com o peito a onda espumosa, esforçando-me para chegar ao ponto oposto àquele de onde parti. Enfim vi no horizonte uma fraca claridade e me apressei; eu estava em meio das águas e o suor cobria meu rosto, eu me esgotava em vãos esforços. A margem que mal podia enxergar afastava-se diante de mim à medida que eu avançava. Minhas forças me abandonavam, eu não temia a morte, e sim morrer sem ser iluminado... Perdi a coragem e, levantando para o firmamento meus olhos banhados em lágrimas, exclamei: *Pronuncia minha sentença e me redime. Pela tua palavra vivifica-me.* Ondica iudicium meum et redime me; propter eloquium tuum, vivifica me).

Mal podendo agitar meus membros fatigados, eu afundava cada vez mais, quando percebi um barco perto de mim. Um homem coberto de ricas vestes o conduzia. Reparei que a proa estava voltada para a margem que eu havia deixado. Ele se aproxima, uma coroa de ouro brilha em sua fronte: *Venha comigo*, disse-me ele, *que eu, o príncipe da terra, te mostre aqui o caminho da evolução* (ou: *Venha comigo, que*

meus princípios da terra mostrem-te o caminho pelo qual deves evoluir). (Vade me cum, mecum principium in terris, instruam-te in via hac quâ gradueris).

Eu lhe respondi no mesmo instante: *E melhor esperar no senhor do que confiar nos príncipes*. (Bonum est sperare in domino quam confidere in principibus).

Num instante, o barco e o monarca desapareceram no rio. Uma força nova pareceu correr em minhas veias: consegui alcançar o alvo dos meus esforços. Encontrei-me numa praia coberta de areia verde. Um muro de prata estava diante de mim. Duas lápides de mármore vermelho estavam incrustadas em sua estrutura. Eu me aproximei... uma delas estava gravada com caracteres sagrados, sobre a outra estava gravada uma linha de letras gregas; entre as duas lápides havia um círculo de ferro. Dois leões, um vermelho, outro negro, repousavam sobre nuvens e pareciam guardar uma coroa de ouro colocada acima deles. Via-se ainda perto do círculo um arco e duas flechas. Li alguns caracteres escritos sobre os flancos de um dos leões. Mal havia observado esses diferentes emblemas quando eles desapareceram junto com a muralha que os continha.

SEÇÃO IV

Em seu lugar, um lago de fogo se apresentou à minha frente. O enxofre e o betume rolavam suas ondas inflamadas. Eu tremi. Uma voz trovejante me ordenou atravessar essas chamas. Eu obedeci e as chamas pareceram ter perdido sua atividade. Por muito tempo caminhei no meio do incêndio. Chegado a um espaço circular, contemplei o pomposo espetáculo que a bondade do céu se dignou me fazer desfrutar.

Quarenta colunas de fogo decoravam a sala onde eu me encontrava. Um lado das colunas brilhava com um fogo branco e vivo. O outro permanecia na sombra e uma chama escura o cobria.

No centro desse lugar se elevava um altar em forma de serpente. Um ouro esverdeado enfeitava suas escamas matizadas, sobre as quais se refletiam as chamas que a cercavam. Seus olhos pareciam rubis. Havia uma inscrição prateada perto dela. Uma rica espada estava cravada na terra ao lado da serpente. Uma taça repousava sobre sua cabeça.

Ouvi o coro dos espíritos celestes e uma voz me disse: "o término dos teus trabalhos se aproxima. Toma a espada e golpeia a serpente." Tirei a espada de sua bainha e me aproximei do altar. Peguei a taça com uma mão e com a outra desferi um terrível golpe no pescoço da serpente. A espada ricocheteou, o golpe ressoou como se eu tivesse atingido um sino de bronze. Mal tinha obedecido a voz, quando o altar desapareceu. As colunas perderam-se na imensidão. O som que eu tinha ouvido ao atingir o altar se repetia como se mil golpes estivessem sendo desferidos ao mesmo tempo. Uma mão me agarrou pelos cabelos e me elevou até o teto: este se abriu para me dar passagem. Diferentes fantasmas se apresentaram diante de mim: as Hidras, as Lamies me cercaram de serpentes. A visão da espada que eu tinha na mão afugentou essa multidão imunda, como os primeiros raios do dia dissipam os sonhos, frágeis filhos da noite.

Depois de subir numa linha perpendicular através das diferentes camadas que compõem as paredes do globo, eu revi a luz do dia.

SEÇÃO V

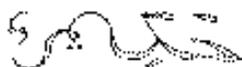
Mal retomei à superfície da terra, quando meu guia invisível me arrastou mais depressa ainda. A velocidade com a qual percorremos os espaços aéreos só é comparável a ela mesma. Num instante perdi de vista os planos sobre os quais eu dominava. Observei admirado que saí do seio da terra, longe dos campos de

Nápoles. Uma planície deserta e algumas massas triangulares eram os únicos objetos que eu conseguia perceber. Em breve, malgrado as provas que padeci, um novo terror veio me assaltar. A Terra não me parecia mais do que uma nuvem confusa. Eu fora alçado a uma altura imensa. Meu guia invisível me abandonou. Tornei a descer por um tempo bastante longo, eu rolava no espaço, a terra já se aproximava de meus olhos turvos... Eu pude calcular quantos minutos se passariam antes de me estatelar contra um rochedo.

Em seguida, rápido como um pensamento, meu guia se precipita à minha frente, agarra-me e me eleva outra vez. Ele me deixa cair novamente, enfim, eleva-me consigo a uma distância incomensurável. Eu via os globos girarem ao meu redor, as terras gravitarem aos meus pés.

De repente, o gênio que me levava me tocou os olhos e perdi os sentidos. Ignoro quanto tempo passei nesse estado.

Quando voltei a mim, encontrei-me deitado sobre um rico leito; flores e aromas perfumavam o ar que eu respirava. Uma veste azul, semeada de estrelas de ouro, havia substituído a veste de linho. À minha frente havia um altar amarelo. Um fogo puro exalava dele, sem que nenhuma outra substância, que não o próprio altar, o alimentasse. Caracteres negros estavam gravados em sua base. Junto havia um círio aceso que brilhava como o sol. Abaixo havia um pássaro cujos pés eram negros, o corpo de prata, a cabeça vermelha, as asas negras e o pescoço de ouro. Ele se agitava sem parar, mas sem fazer uso das asas. Ele só podia voar quando se encontrava no meio das chamas. No seu bico havia um ramo verde, seu nome é Hâkim (sábio)



e o nome do altar é Hallah (caldeirão).



O altar, o pássaro e o círio são os símbolos de tudo. Nada pode ser feito sem eles, que são tudo o que é bom e grande.

O círio se chama Majûsi (mazdeano-alusão ao culto do fogo).

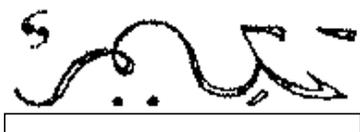


Quatro inscrições cercavam esses diferentes emblemas.

SEÇÃO VI

Eu me virei e percebi um palácio imenso. Sua base repousava sobre nuvens. Mármore compunham a estrutura e sua forma era triangular. Quatro andares de colunas se elevavam uns sobre os outros. Uma bola de cristal; rematava esse edifício. A primeira fileira de colunas era branca, a segunda negra, a terceira verde, a última, de um vermelho brilhante.

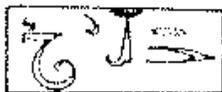
Depois de admirar essa obra dos artistas eternos, desejei' retomar ao lugar onde estavam o altar, o pássaro e o círio, pois queria observá-los mais. Eles tinham desaparecido. Procurava os com os olhos, quando as portas do palácio se abriram. Delas saiu um ancião venerável. Sua roupa era semelhante à minha, exceto que um sol dourado brilhava sobre seu peito. Sua mão direita segurava um ramo verde, a outra carregava um incensório. Uma corrente de madeira estava presa ao seu pescoço; uma tiara pontiaguda como a de Zoroastro cobria sua cabeça branca. Ele se aproximou de mim, o sorriso da benevolência se mostrava em seus lábios: "Adora Deus," disse-me em língua persa, "foi Ele que te susteve durante as provas, seu espírito está contigo. Meu filho, tu deixaste passar a oportunidade, podias num instante pegar o pássaro Hakim,



o círio Majûsi,



e o altar Hallâj



tu voltarás, a seu tempo, ao Altar, Pássaro e Círio. É preciso agora, para alcançar o lugar mais secreto do Palácio das ciências sublimes, que tu percorras todos os desvios, vem... devo primeiro apresentar-te aos meus irmãos." Pegou-me pela mão e me introduziu numa vasta sala.

Os olhos vulgares não podem conceber a forma e a riqueza dos ornamentos que a enfeitavam. Trezentas e sessenta colunas a cercavam de todos os lados. No teto havia uma cruz vermelha, branca, azul e negra, sustentada por uma argola de ouro. No centro da sala havia um altar triangular composto pelos quatro elementos; sobre seus três ângulos estavam pousados o pássaro, o altar e o círio. "Eles trocaram de nome",

disse-me meu guia "aqui se chamam: o pássaro - Aspina (advérbio, significa diligentemente),

אִםפִּירְבָּא

o altar - Kahena (padre, forma caldéia),

כהנא

e o círio-Nephrith (?).

נִפְרִיחַ

A sala é chamada Hajalah (câmara nupcial),

חַיָּה

o altar triangular - Athanor.

ΑΘΑΝΩΡ

Em volta do altar estavam dispostos oitenta e um tronos, subia-se a cada um por nove degraus de altura desigual, cobriamnos tapetes vermelhos.

Enquanto eu examinava os tronos, fez-se ouvir o som de uma trombeta. A este ruído as portas da sala Hajalah

חַיָּה

se abriram para deixar passar setenta e nove pessoas, todas vestidas como o meu guia. Eles se

aproximaram lentamente e sentaram-se sobre os tronos. Meu guia se pôs de pé ao meu lado. Um ancião que se distinguiu de seus irmãos por um manto púrpura, cujas bordas eram gravadas por caracteres bordados, se levantou, e meu guia tomou a palavra em língua sagrada:

"Eis", disse ele, "um dos nossos filhos que Deus quer que seja tão grande quanto seus pais". "Que a vontade do Senhor seja cumprida", respondeu o ancião. "Meu filho," acrescentou ele, dirigindo-se a mim, "teu tempo de provas físicas terminou... Resta-te fazer grandes viagens. De hoje em diante te chamarás El Taâm (o alimento?).

אלאם

Antes de percorrer este edifício, eu e oito de meus irmãos vamos te fazer, cada um, um presente".

Ele veio a mim e me deu, com um beijo da paz, um cubo de terra cinza. Chamam-no Human (cinzas ou lava de vulcão).

חמה

O segundo, três cilindros de pedra negra, chamada Qenka (teu ninho).

קנר

o terceiro, um pedaço de cristal arredondado que se chama - (caracteres desconhecidos, talvez sírios).

קנא

O quarto, um penacho de penas azuis chamado Ashqushaq (?).

اشقوشق

o quinto presenteou um vaso de prata que tem o nome de Geshem (chuva ou corpo).

בֵּשֶׁם

O sexto, um cacho de uva, conhecido entre os sábios com o nome de Mara-resha, (a primeira palavra significa amargura, a segunda é uma forma caldéia rasch, talvez cabeça).

בְּנוֹחַ רֵשֵׁא

o sétimo me presenteou uma figura de pássaro semelhante à forma Evei (a palavra hebraica IEVE, escrita no sentido inverso) ,

הֶזְחִי

mas sem suas cores brilhantes, era de prata; "Ele tem o mesmo nome," disse-me ele, "cabe a ti dar-lhe as mesmas virtudes". O oitavo me deu um pequeno altar lembrando também o altar Nephriith.

נִפְרִיִּית

Finalmente, meu guia me colocou na mão um círio composto como Marah,

פָּרָה

de partículas brilhantes, mas estava apagado: "Cabe a ti", acrescentou ele, como os que o precederam, "dar-lhe as mesmas virtudes" .

"Reflete sobre estas dádivas" disse-me, em seguida, o chefe dos sábios, "todos tendem igualmente à

perfeição, mas nenhum é perfeito por si mesmo. E de seu conjunto que deve sair a obra divina. Sabe ainda que todos são nulos, se não forem empregados segundo a ordem na qual te foram dados. O segundo, que serve para utilizar o primeiro, não será mais que uma matéria bruta, sem calor, sem utilidade, sem o auxílio daquele que o segue. Guarda cuidadosamente os presentes que recebeste e começa tuas viagens depois de ter bebido na taça da vida".

Ele me apresentou numa taça de cristal, um licor brilhante e açafranado. Seu gosto era delicioso, um perfume esquisito exalava dele. Eu quis devolver a taça depois de molhar meus lábios no licor. "Acaba," disse-me o ancião "essa bebida será o único alimento que tomarás durante o tempo de tuas viagens". Obedeci e senti um fogo divino percorrer todas as fibras do meu corpo. Eu estava mais forte, mais corajoso, minhas faculdades intelectuais pareciam redobradas.

Apressei-me a saudar com a saudação dos sábios a ilustre assembléia que iria deixar e, sob as ordens do meu guia, introduzime numa longa galeria que se encontrava à minha direita

SEÇÃO VII

A entrada dessa galeria estava colocada uma vasilha de aço. Ao me aproximar, ela se encheu de uma água pura como cristal, que vinha se purificar sobre uma areia branca e fina. A vasilha era oval e se apoiava sobre três pés de bronze. Uma lâmina negra incrustada sobre o lado que dava para a porta continha alguns caracteres. Perto da vasilha havia um véu de linho, abaixo dela, duas colunas de mármore verde sustentavam uma placa arredondada de mármore. Via-se nela, cercada por duas inscrições, a figura do selo sagrado, formado de uma cruz de quatro cores, afixada a uma faixa de ouro que sustinha ^(H) dois outros círculos concêntricos, o maior, negro, o outro vermelho. A uma das colunas estava afixado um machado de prata cujo cabo era azul. Ele se chama "qualqanthûm", (calcantha, nome que os antigos davam ao sulfato de cobre).

קלקנתום

Depois de ler as inscrições, aproximei-me da vasilha e aí me lavei, começando pelas mãos; terminei mergulhando por inteiro.

Aí fiquei três dias. Ao sair da água, percebi que ela havia perdido sua transparência: sua areia ficou acinzentada. Partículas cor de ferrugem se agitavam no líquido. Quis me enxugar com o auxílio do véu de linho mas novas gotas de água substituíam sem cessar aquelas que o linho enxugava.

^H Dois círculos que rodeiam

Desisti de me enxugar com o véu e, colocando-me na sombra, fiquei imóvel durante seis dias inteiros.

Ao final desse tempo, a fonte dessas águas secou. Encontrei-me seco e mais lépido, uma vez que minhas forças me pareceram aumentadas. Depois de passear algum tempo, voltei à vasilha. A água que ela continha havia desaparecido. Em seu lugar havia um licor rosado e a areia estava cinza e metálica.

Banhei-me novamente nela, cuidando no entanto de não ficar ali mais do que alguns instantes. Ao me retirar, notei que eu havia absorvido uma parte do líquido. Desta vez não tentei secar no linho o licor que me impregnava, pois ele o destruiria num instante de tanto que era forte e corrosivo.

Fui ao outro extremo da galeria e deitei-me num leito de areia quente. Ali passei sete dias. Ao final desse tempo, voltei à vasilha. A água estava semelhante à primeira. Mergulhei nela e saí depois de ter me lavado com cuidado. Desta vez consegui me enxugar sem aflição. Enfim, depois de ter me purificado, segundo as instruções que havia recebido, dispus-me a sair dessa galeria após um período de permanência de dezesseis dias.

SEÇÃO VIII

Abandonei a galeria por urna porta baixa e estreita e entrei num aposento circular. Seus lambris eram de madeira de freixo e de sândalo. Ao fundo do aposento, sobre um pedestal composto de tronco de videira, repousava um punhado de sal branco e brilhante. Acima havia um quadro representando um leão branco coroadado e um cacho de uvas. Os dois estavam pousados sobre urna mesma bandeja que a fumaça de um braseiro aceso elevava aos ares. À minha direita e à minha esquerda abriam-se duas portas; urna dava para urna planície árida. Um vento quente e seco reinava ali o tempo todo. A outra abria-se para um lago em cuja extremidade percebi-se urna fachada de mármore negro.

Aproximei-me do altar e peguei em minhas mãos o sal branco e brilhante que os sábios chamam Marahresha.



Esfreguei com ele o meu corpo inteiro... impregnei-me com ele e, depois de ler os hieróglifos que acompanhavam o quadro, preparei-me para deixar a sala. Minha primeira intenção era sair pela porta que dava para a planície, mas por ela escapava um vapor ardente; preferi o caminho oposto. Eu tinha a liberdade de escolher, com a condição, no entanto, de não abandonar o que havia escolhido... Decidi atravessar o lago. Suas águas eram sombrias e dormentes. Percebi bem a urna certa distância uma ponte chamada bäs (talvez, coragem),



mas preferi atravessar o lago e não tornar o longo caminho que seria obrigado a seguir para chegar à ponte, seguindo as sinuosidades de urna margem semeada de pedras. Entrei na água, que era espessa como cimento e percebi que era inútil nadar, pois de todos os lados, meus pés reencontravam o solo. Andei no lago durante treze dias. Enfim cheguei ao outro lado.

SEÇÃO IX

A terra era de uma cor escura como a água pela qual viajei. Um declive imperceptível me conduziu ao pé do edifício que vira de longe. Sua forma era um quadrado longo (retângulo). Sobre a fachada estavam gravados alguns caracteres semelhantes aos usados pelos patriarcas dos antigos persas. O edifício inteiro era construído em basalto negro fosco. As portas eram de madeira de cipreste e se abriram para me deixar passar.

Um vento quente e úmido se elevou de repente e me empurrou rapidamente até o meio da sala e, ao mesmo tempo, fechou as portas atrás de mim... Encontrei-me na escuridão. Pouco a pouco meus olhos se acostumaram à pouca luminosidade reinante neste recinto e pude distinguir os objetos que me rodeavam. O teto, as paredes, o assoalho da sala eram negros como ébano. Dois quadros pintados sobre a parede chamaram minha atenção. Um representava um cavalo igual ao que os poetas nos contam que causou a ruína de Tróia. De seus flancos entreabertos saía um cadáver humano. A outra pintura oferecia a imagem de um homem morto há muito tempo. Os vis insetos da putrefação se agitavam sobre seu rosto e devoravam a substância que os fez nascer. Um dos braços descarnados da figura morta já deixava perceber os ossos. Junto ao cadáver, um homem vestido de vermelho se esforçava para levantá-lo. Uma estrela brilhava sobre sua frente, botas negras cobriam suas pernas. Três lâminas negras cobertas com caracteres de prata estavam pousadas acima deles, entre e acima dos quadros. Eu os li e me ocupei em percorrer a sala onde devia passar nove dias.

Num canto mais escuro se encontrava um punhado de terra negra, gordurosa e saturada de partículas animais. Quis apanhá-la, uma voz retumbante como o som de uma trombeta me proibiu. "Há oitenta e sete anos que esta terra foi depositada nesta sala", disse-me ela, "quando outros treze anos tiverem passado, tu e os outros filhos de Deus podereis usá-la". A voz se calou mas os últimos sons vibraram ainda longo tempo neste templo do silêncio e da morte.

Após ficar ali o tempo prescrito, saí pela porta oposta àquela que entrei. Revi a luz, mas ela não estava bastante viva ao redor da sala negra, para fatigar meus olhos acostumados à escuridão.

Percebi com surpresa que, para chegar aos outros edifícios, era preciso atravessar um lago maior que o primeiro. Andei na água durante dezoito dias. Lembrei-me que na primeira travessia as águas do lago se tornavam mais negras e mais espessas à medida que eu avançava. Neste, ao contrário, quanto mais me aproximava da margem, mais as águas clareavam. Minha roupa, que dentro do palácio ficara negra como as muralhas, pareceu-me então de uma cor cinzenta. Pouco a pouco recuperou suas cores. No entanto, não estava inteiramente azul, mas aproximava-se de um belo verde.

Depois de dezoito dias, subi à margem por uma escadaria de mármore branco. A sala negra é chamada T'sahn (bacia?),

צ'חן

o primeiro lago, Tsahn Rosh (bacia da cabeça),

צ'חן ראש

o segundo, Tsahn Aharith (bacia da extremidade posterior).

צִחַן אַחֲרִיָּה

SEÇÃO X

A alguma distância da margem, um palácio suntuoso elevava aos ares suas colunas de alabastro. Suas diferentes partes eram unidas por pórticos cor de fogo. Todo o edifício era de uma arquitetura graciosa e aérea. Aproximei-me das portas. Sobre o frontispício estava representada uma borboleta. As portas estavam abertas... entrei. O palácio inteiro era somente uma sala... Três fileiras de colunas a cercavam. Cada fileira era composta de vinte e sete colunas de alabastro. No centro do edifício estava uma figura de homem. Ele saía de um túmulo, sua mão apoiada sobre uma lança batia na pedra que antes o aprisionara. Um tecido verde cingia seus rins, o ouro brilhava na orla de sua vestimenta, sobre seu peito havia uma tabuleta quadrada na qual distingui algumas letras. Acima da figura estava suspensa uma coroa de ouro e a figura parecia elevar-se nos ares para a apanhar. Acima da coroa havia uma lápide de pedra amarela na qual estavam gravados alguns emblemas. Decifrei-os com o auxílio da inscrição que percebi sobre o túmulo e pela que vi sobre o peito do homem.

Fiquei nesta sala chamada Balsân (bálsamo) (?)

בַּלְסָאן אֲרִיָּה

o tempo necessário para contemplar-lhe todos os detalhes e saí logo com a intenção de chegar, atravessando uma vasta planície, a uma torre que percebi a uma distância bastante grande.

SEÇÃO XI

Mal eu havia deixado os degraus do palácio, quando percebi voltejar diante de mim um pássaro semelhante à Aspirma,

אַסְפִּירְמָא

mas este tinha duas asas de borboleta além das suas. Uma voz saindo de uma nuvem me ordenou

capturá-lo e o afixar. Lancei-me atrás dele, ele não voava, mas se servia de suas asas para correr com a maior rapidez. Eu o persegui, ele fugia à minha frente e me fez percorrer várias vezes a planície em toda sua extensão. Segui-o sem me afastar. Enfim, depois de nove dias de corrida, obriguei-o a entrar na torre que eu havia visto de longe ao sair do Tsahn.

צחן

Os muros deste edifício eram de ferro. Trinta e seis pilares do mesmo metal os sustentavam e o interior era da mesma matéria, incrustado de aço brilhante. Os fundamentos da torre eram construídos de tal maneira que sua altura tinha o dobro sob a terra. Mal o pássaro entrou nesse recinto e um frio glacial pareceu se apoderar dele. Ele fez vãos esforços para mover suas asas entorpecidas. Agitou-se ainda, ensaiou fugir, mas tão fracamente que eu o alcancei com maior facilidade.

Peguei-o e lhe passei um cravo de aço Marah-nehush (amargura de bronze)

מרה נחוש

através das asas e afixei-o sobre o assoalho da torre, com a ajuda de um martelo chamado Shitraj (?).

שטראג

Mal terminei e o pássaro retomou novas forças. Ele não se agitava mais, mas seus olhos tornaram-se brilhantes como topázios.

Eu estava ocupado examinando-o, quando um grupo colocado no centro da sala chamou minha atenção. Representava um belo homem na flor da idade. Ele tinha na mão uma vara envolvida por duas serpentes entrelaçadas e se esforçava para escapar das mãos de outro homem forte e vigoroso, munido de uma cinta e um elmo de ferro sobre o qual flutuava um penacho vermelho. Havia uma espada junto dele, apoiada num escudo coberto de hieróglifos. O homem armado tinha em suas mãos uma forte corrente e enlaçava os pés e o corpo do adolescente que procurava, em vão, fugir de seu terrível adversário. Duas tabuletas vermelhas continham caracteres.

Deixei a torre e, abrindo uma porta que se encontrava entre dois pilares, encontrei-me numa vasta sala.

SEÇÃO XII

A sala na qual acabava de entrar era exatamente esférica, assemelhando-se ao interior de uma bola composta de uma matéria dura e diáfana como cristal e recebendo o dia por todos os lados. A parte inferior estava pousada sobre uma grande bandeja cheia de areia vermelha. Um calor doce e igual reinava neste recinto circular. Os sábios chamam esta sala Zelûph (?).

זלופ

A bandeja de areia que a sustenta tem o nome de Asha hólith (fogo de areia).

אֵשׁ חַרְלִית

Considerava com espanto esse globo de cristal quando um fenômeno novo excitou minha admiração: do chão da sala se elevou um vapor doce e úmido, açafranado. Ele me envolveu, elevou-me docemente, e no espaço de trinta e seis dias, levou-me até a parte superior do globo. Depois desse tempo, o vapor enfraqueceu, desci pouco a pouco e finalmente, reencontrei-me sobre o chão. Minha roupa mudou de cor. Ela era verde quando entrei na sala, agora era de um vermelho gritante. Por um efeito contrário, a areia sobre a qual repousava o globo, deixou sua cor vermelha e foi se tornando gradualmente negra. Demorei ainda três dias nesta sala, depois do fim da minha ascensão.

Depois desse tempo, saí para entrar numa grande praça envolta em colunas e pórticos dourados. No meio da praça havia um pedestal de bronze. Ele sustentava um grupo que representava a imagem de um homem grande e forte. Sua cabeça majestosa estava coberta por um elmo coroadado. Através das malhas de sua armadura de ouro, saía uma vestimenta azul. Ele tinha numa mão um bastão branco coberto de caracteres, e estendia a outra a uma bela mulher. Nenhuma roupa cobria sua companheira, mas um sol brilhava sobre seu peito e sua mão direita segurava três globos unidos por anéis de ouro. Uma coroa de flores vermelhas cingia seus belos cabelos, ela se lançava aos ares e parecia elevar consigo o guerreiro que a acompanhava. Os dois estavam sobre nuvens. Ao redor do grupo, sobre os capitéis de quatro colunas de mármore branco, estavam dispostas quatro estátuas de bronze. Tinham asas e pareciam tocar a trombeta.

Atravessei a praça e, subindo uma escadaria de mármore que se encontrava à minha frente, vi com espanto que entrava na sala dos tronos (a primeira onde estive quando cheguei ao palácio da sabedoria). O altar triangular ainda estava no meio desta sala, mas o pássaro, o altar e o drio estavam unidos e formavam um só corpo. Perto deles estava pousado um sol de ouro. A espada que eu havia trazido da sala do fogo, repousava a alguns passos de lá, sobre o assento de um dos tronos. Peguei a espada e, ferindo o sol, o reduzi a pó. Depois, toquei-o e cada molécula tornou-se um sol de ouro semelhante ao que eu havia destruído. "A obra está perfeita", exclamou no mesmo instante uma voz forte e melodiosa. A esse grito, os filhos da luz se apressaram a vir juntar-se a mim. As portas da imortalidade me foram abertas, a nuvem que cobre os olhos dos mortais se dissipou, EU VI, e os espíritos que comandam os elementos me reconheceram por seu mestre.

FIM

PARTE III

COMENTÁRIOS

Manly P. Hall

CAPÍTULO 4

OS MISTÉRIOS

A iniciação nos Mistérios foi definida pelos antigos filósofos como a suprema aventura da vida e o maior bem que pode ser conferido à alma humana durante sua passagem pela terra. Platão, em Fedro, escreve sobre a suprema importância da aceitação nos Ritos sagrados: "Assim, em consequência desta iniciação divina, tornamo-nos espectadores de visões íntegras, simples, inabaláveis e bemaventuradas numa luz pura, nós mesmos éramos puros, sem mácula e *livres* desta *veste* que nos *envolve* e que *chamamos corpo*, ao qual estamos agarrados como uma ostra à sua concha."

São Paulo também se refere à "experiência interior" pela qual chegamos a SABER. Ele diz: "Falamos da sabedoria entre os perfeitos, não da sabedoria deste mundo nem dos Arcontes (Governantes) deste mundo, mas da sabedoria divina num mistério, num segredo, que nenhum dos Arcontes deste mundo conhece." Uma iniciação é uma ampliação da consciência para apreciar realidades universais. Os cerimoniais místicos dos pagãos e dos primitivos cristãos nada mais eram que símbolos externos de processos internos. Por meio de obscuros ritos e cerimônias alegóricas, os preciosos arcanos (mistérios) da perfeição eram transmitidos de uma era para outra. Os profanos ficavam satisfeitos com a solenidade das formas e rituais externos, mas os Iniciados, aqueles que haviam recebido as chaves, aplicavam a sabedoria que estava trancada dentro das alegorias para aperfeiçoar suas faculdades espirituais internas.

Orígenes, o mais místico dos padres anti-Nicéia, no seu prefácio a São João, admite a natureza dupla de todas as revelações teológicas: "Para os de mentalidade literal (ou exotéricos) ensinamos o Evangelho da maneira histórica, a pregação de Jesus Cristo e Sua crucificação, mas para os entendidos, inflamados pelo amor à Sabedoria Divina (os esotéricos), comunicamos o Logos (a Palavra).

A perfeição não é dada: ela é conquistada. Os homens não se tornam sábios apenas assistindo a dramas sagrados... e sim, entendendo-os. O simbolismo é a linguagem das verdades divinas, uma escrita por meio da qual podem ser insinuadas coisas que, na realidade, não podem ser reveladas. "Pois os símbolos místicos são bem conhecidos para nós que pertencemos à Irmandade." (Plutarco). Pela iniciação é estabelecida a regra das obras. O homem divino e o divino no homem são trazidos à perfeição somente pelas obras. Os iniciados das antigas escolas eram "sábios Mestres Construtores" com visão para ver, coragem para fazer e sabedoria para manter silêncio. "O segredo e o silêncio são observados em todos os Mistérios", escreveu Tertuliano, criador da latinidade eclesiástica.

Durante as cerimônias de iniciação, o neófito recebia a LEI. As grandes verdades pelas quais o universo caminha em direção à inevitável identidade com Deus eram reveladas. Cabia ao iniciado aplicar essa Lei e, por meio desta aplicação, conquistar a imortalidade consciente. Os caminhos do conhecimento se bifurcam quando a prática diverge da teoria. Um homem pode cumprir a Lei e assim, *por* ação esclarecida, chegar finalmente à perfeição, ou aceitar a palavra da Lei e, ignorando sua essência, permanecer como é... imperfeito e não iluminado. Aquele que recebe o Logos e age de acordo com o seu espírito cresce gradualmente em sabedoria. Os teurgos nazarenos diziam que este "tinha um juramento". Ele se dedicava a libertar a parte interior do domínio de seus sentidos e apetites externos. Aretaeus diz: "Até que a alma seja libertada, ela trabalha dentro do corpo e é obscurecida por vapores e argila." Vapores significam, segundo os arcanos, os apetites e os excessos emocionais que são tão desprovidos de substância como a névoa, e argila significa a insensibilidade da forma corpórea.

Aumentar em sabedoria é aumentar em esclarecimento, pois infere-se que esclarecimento é a iluminação dos recessos internos da razão pela luz do Logos - o sol espiritual. Este desenvolvimento da habilidade de saber por meio da disciplina filosófica é acompanhado por ampliações da compreensão e da apreciação. Essas ampliações são o verdadeiro crescimento da alma que aumenta em direção à inclusividade. Por isso, nos escritos sagrados, esta ampliação da esfera de ação da alma é chamada iniciação. Pela iniciação, a divindade interior se dirige para a sua própria causa, o Bem eterno. As câmaras de iniciação são as "muitas moradas" pelas quais a divindade interior deve passar, como se fossem as sinuosidades tortuosas do labirinto de Creta. Em seu percurso há muitas portas e através de cada uma a divindade é introduzida numa área maior e mais luminosa da função e da ação. Com cada aumento de nossa habilidade de apreciar as magnitudes do plano divino, dizemos que renascemos. O renascimento é a passagem de uma condição velha para um novo estado, de uma velha limitação para uma nova ampliação. Conforme crescemos em conhecimento, nosso universo parece aumentar junto conosco, tomando a medida de nossa nova constituição. A sabedoria liberta.

As academias dos antigos Mistérios convidavam os mais sábios e os melhores da humanidade a abandonar a sombra mortal do mundano e dedicar-se às obras verdadeiramente eternas. A perfeição do Eu é a Grande Obra, o início e o fim da sabedoria: o Eu que atingiu a perfeição é a oferenda perfeita e a consumação da Grande Obra. Aquele que é perfeito é da máxima utilidade para os outros, o bem maior para si mesmo e a oferenda mais aceitável ao Altíssimo.

Com o colapso do antigo mundo pagão e a corrupção da Primitiva Igreja Cristã, os Mistérios cessaram como grandes Instituições. Suas doutrinas se perderam, suas artes sacerdotais foram dispersadas e seus templos caíram na ruína. Novas teorias, na maior parte superficiais e insuficientes, substituíram a sabedoria anterior; e a instrução, divorciada de sua parte espiritual, criou os fundamentos de nosso caos atual. Mas os sábios se mantiveram fiéis aos antigos Ritos. Aqueles que receberam os arcanos não podiam esquecer, não conseguiam esquecer. Eles se reuniam em segredo, ensinavam em segredo e adoravam em segredo. O fogo

do templo ardia nos corações de seus iniciados. As formas externas desmoronaram, mas o espírito interior, fortalecido pela participação numa verdade eterna, era imortal. Saindo da escuridão de uma civilização degenerada, atravessando o deserto de séculos estéreis e, finalmente, cruzando o Mar Vermelho da Inquisição, os Místicos da sabedoria antiga carregaram triunfalmente a Arca de sua aliança.

A assim chamada Idade Média foi uma era de simbolismo fantástico. Os herméticos inventavam monstros complexos, emprestados dos deuses do Egito; os cabalistas iluminavam o pergaminho com curiosas figuras, selos, pentáculos e marcas grotescas de demônios; os alquimistas preenchiam enormes volumes com fórmulas esquisitas falando das propriedades místicas de sapos e sangue de dragão. No campo sombrio da superstição medieval, também cresceu e floresceu a Rosa Mística, para acabar sufocada pelas ervas daninhas da intolerância. Foram séculos estranhos, nos quais a falsa fé colocou a sabedoria em perigo. No entanto, quem ousa negar que as tradições místicas perduraram e, revestidas pelos mitos e química egípcios, ainda estavam disponíveis para aqueles que tinham olhos para ver a verdade torturada?

No cenário da ignorância dogmática e do pedantismo inútil destaca-se nítida e clara a luminosa personalidade do conde de Saint-Germain. Mestre da sabedoria antiga, sábio nas verdades esquecidas, versado em todas as artes curiosas da antiguidade, mais erudito do que qualquer homem do mundo moderno, o misterioso conde personificou em suas próprias realizações as tradições metafísicas de cinquenta séculos. Milhares de vezes foram feitas as perguntas: onde é que Saint-Germain obteve seu espantoso conhecimento da lei natural? Como é que ele se perpetuou século após século, desafiando a corrupção natural que leva tanto o príncipe, o sacerdote, quanto o pobre igualmente a um fim comum?

Saint-Germain era o porta-voz e representante da irmandade de filósofos que descenderam, numa linha ininterrupta, desde os hierofantes da Grécia e do Egito. Ele havia recebido o Logos. Com sua sabedoria, confundia os anciãos. A vida deste homem derruba a pretensão escolástica de dois mil anos.

La Tres Sainte TrinosoPhie é supremamente importante por delinear os processos espirituais que, finalmente, resultam na iniciação. É o diário da entrada da alma na idade adulta. Pode bem ser o registro efetivo da admissão do próprio Saint-Germain na irmandade mística da qual ele, finalmente, se tornou o Grande Mestre. Como o propósito do manuscrito era a instrução dos discípulos já familiarizados com a terminologia secreta, o relato inteiro é colocado simbolicamente em fragmentos de ritual e alegoria, derivados das cerimônias da era clássica. Embora a primeira leitura possa servir somente para provocar perplexidade, uma análise profunda e cuidadosa do texto irá esclarecer gradativamente. Cada um irá descobrir na escrita aquilo que já sabe, interpretá-la de acordo com o que é e aplicá-la de acordo com aquilo que deseja. Os símbolos são todas as coisas para todos os homens, no entanto, sob a ampla diversidade de interpretações às quais são suscetíveis, há uma sabedoria simples e inevitável que pode ser compreendida somente pelos verdadeiramente sábios. Opiniões, teorias e crenças acabam se descartando; na raiz de cada emblema está um fato. O nosso manuscrito é rico nesses fatos velados e somos lembrados pelo autor de que nenhuma parte dele é destituída de significado oculto.

La Tres Sainte TrinosoPhie é dividida em doze seções. Cada uma é iluminada por um desenho apropriado. As primeiras seções parecem derivar sua inspiração do ritual neo-egípcio chamado Ritual de Mênfis, e as provas do candidato se relacionam diretamente com os quatro elementos - terra, água, fogo e ar. O grande padrão para o documento inteiro é o Zodíaco, com cujos signos se relacionam as doze seções do texto. O Zodíaco é o grande ciclo da alma e a passagem do sol pelos símbolos zodiacais é o original de onde as antigas artes sacerdotais derivaram a autoridade para os seus circumpercursos sagrados. Os antigos aceitavam o primeiro signo do Zodíaco como o início e, o último como o fim de toda a atividade mundana. De forma semelhante Áries tipificava o início da regeneração ou a entrada da alma na luz no equinócio vernal do ciclo filosófico, enquanto Peixes significava a conclusão da peregrinação sagrada e a realização da *Magnum Opus* (Grande Obra).

Saint-Germain emprega principalmente símbolos alquímicos neste livro da Sabedoria Tríplice. Isto não

pressupõe de maneira alguma que, na verdade, ele escreve sobre processos químicos pois, como concordaram a maioria dos alquimistas, a fabricação de ouro material é a parte menos importante de sua ciência. A tabela seguinte será útil para que fiquem claras a intenção de Saint-Germain e evidentes as correlações entre os signos zodiacais e os processos alquímicos:

Áries - calcinação - expulsão da alma animal por meio do calor. (Purificação pelo fogo da aspiração)

Touro - congelamento - a união das partes; a conquista do único ponto ou propósito.

Gêmeos - fixação - a condição de tornar-se firme, a fixação da vontade.

Câncer - dissolução - dissolver ou suspender num estado fluido; universalização da personalidade.

Leão - digestão - amolecer por calor e umidade; aperfeiçoar a mente na sabedoria (calor) e na imaginação (umidade) .

Virgem - destilação - a separação do princípio volátil da substância; a libertação da alma de seu envolvimento no limite corpóreo.

Libra - sublimação - o refinamento dos corpos elementais; o aumento das harmonias vibratórias do corpo.

Escorpião - separação ou putrefação - a morte filosófica; uma decadência artificial pela qual os elementos espirituais e materiais são separados um do outro.

Sagitário - incineração - a queima de detritos; o fogo da alma consome o corpo externo.

Capricórnio - fermentação - a conversão de substância orgânica em novos componentes pela fermentação; a construção do Homem de Ouro.

Aquário - multiplicação - o processo de ampliação; iniciação.

Peixes - projeção - o processo de transmutar substância básica em Ouro; o acabamento da Obra; imortalidade; na tradição oriental, ser Buda.

O arranjo desses símbolos e processos difere em maior ou menor grau entre diversos escritores, mas o princípio é sempre o mesmo - a transmutação do não-Eu em Eu, o tingimento da vida exterior com a graça interior: a projeção da alma sobre o ambiente físico, a sublimação do mal em bem, a multiplicação da beleza, do amor e da verdade até que finalmente o pó da projeção (sabedoria) tinja o mundo inteiro. Os alquimistas nos dizem que uma minúscula partícula do "Leão vermelho" pode transmutar em ouro puríssimo cem mil vezes seu próprio peso. A sabedoria - e somente a sabedoria - pode alcançar isso, pois um sábio pode aperfeiçoar as eras, e uma pequena verdade irá a seu tempo aumentar tanto que o universo não poderá mais contê-la.

Um ritual semelhante ao contido no presente texto é descrito no [Popol Vuh](#), o livro sagrado dos índios Quiche da América Central. O neófito, em sua busca da sabedoria, passa por uma sucessão de doze provas:

Ele atravessa um rio de sangue (Áries) depois um rio de lama (Touro), detecta um subterfúgio (Gêmeos), entra na casa da escuridão (Câncer), depois a casa das lanças (Leão), a casa do frio (Virgem), a casa dos tigres (Libra), a casa do fogo (Escorpião) e a casa dos morcegos (Sagitário) onde ele morre (incineração). O quadro no topo da nona seção do livro de Saint-Germain retrata a morte. O corpo do neófito índio é queimado num cadafalso (Capricórnio), as cinzas são espalhadas no rio (Aquário), as cinzas se transformam num homem-peixe (Peixes), em cuja forma o iniciado, que concluiu o ciclo, destrói o gênio mau, que foi seu adversário, por meio do ritual iniciático. Os doze príncipes de Xibalba, Guardiões dos Mistérios, são, é claro, os deuses zodiacais.

Ao seguir Saint-Germain aos leitos de lava do Vesúvio, na verdade, "pisamos na soleira de Perséfone". Nós o seguimos em sua busca da alma pela verdade. Agora lemos somente os símbolos e nosso entendimento é apenas parcial, mas, no final, devemos conquistar como ele conquistou e enfrentar o curso universal com a mesma coragem que o impeliu até a mestria. Seus símbolos vêm do Livro da Vida e, embora não vejamos

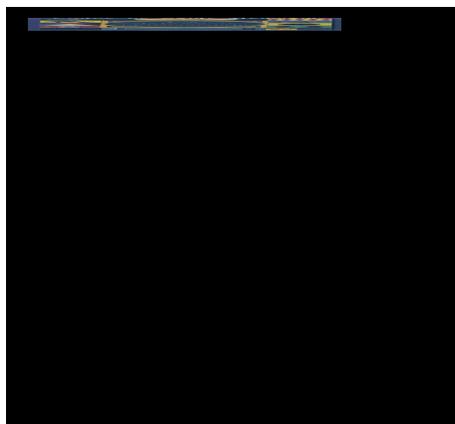
nos incidentes e acontecimentos diários os testes sobre os quais ele escreve, cada um em sua própria esfera de experiências enfrenta os mesmos obstáculos definidos aqui. Perambulamos nas cavernas da incerteza, as formas fantasmagóricas da dúvida nos assaltam, o medo rouba nossa força, o egoísmo, nossa visão, e a ignorância, a nossa coragem. Mas nós todos somos alquimistas no laboratório da vida: cada um está destilando o elixir da experiência. No seu devido tempo, cada um terá alcançado a perfeição deste misterioso fluido alquímico e, com ele, irá tingir seu mundo e a si mesmo. Sobre os metais básicos desta era atual, ele irá borrifar o pó mágico que sua alma descobriu. As eras do Ferro, da Prata, do Cobre e do Chumbo se extinguirão, e a Era de Ouro dos filósofos brilhará.

CAPÍTULO 5

INTERPRETAÇÃO DE FIGURAS E TEXTO

SEÇÃO I

(Figura 1, página 1)



A página título do manuscrito, altamente decorada, é uma chave valiosa para a interpretação da obra inteira. De Givry descreve os emblemas assim: "O simbolismo deste autor segue o estilo egípcio segundo a moda da época. Na página título da obra (...) encontramos (...) o pássaro de Hermes, uma árvore com frutos de ouro, e um vaso no qual a obra é alcançada, o material primitivo sob a forma de uma bola abraçada por duas asas, e um triângulo luminoso contendo o Nome Divino." Em outro lugar ele acrescenta: "O nome hebraico *El* está à direita, junto com outro nome divino mais abaixo, escrito em árabe. As letras *AB* perto do último indicam o alfabeto e representam a Palavra - A Palavra Divina. À esquerda, a inscrição hebraica tirada dos primeiros versos do Livro do Gênese: 'E a terra estava sem forma, e vazia (Tohu-vah-Bohu) e as trevas estavam sobre a face do abismo. E o Espírito de Deus (Ruach Elohim) movia-se sobre a superfície das águas.'"

As letras dentro do triângulo de ouro não formam o nome sagrado *Jehovah* mas, quando decodificadas, mostram as palavras cifradas: "Respire após (como) este Um." Que a "respiração da alma" dos cabalistas deva ser inferida é evidente pela presença das asas atrás do falcão de Rá, no canto esquerdo superior. O segundo quadrado do topo à direita é de especial interesse maçom. Um candidato à iniciação nos Mistérios fica em pé em postura simbólica diante de um altar - com "um pé descalçado e um pé calçado". As letras hebraicas *AL (EL)* no pequeno círculo são Um dos dez nomes cabalísticos de Deus, significando "Deus, o Criador", e está associado com a Sefira Chesed ou misericórdia. As letras *AB* são a assinatura mística do escritor que era um "pai" (*abba*) ou mestre da sabedoria sagrada. As letras são também abreviações de um processo alquímico. O "nome divino" árabe consiste realmente em palavras hebraicas, escritas com caracteres árabes, que significam: "O Senhor, o Altíssimo, purifica." A inscrição hebraica no canto esquerdo inferior, embora seja inquestionavelmente o segundo verso do primeiro capítulo do Gênese, não está escrita como na versão autorizada. Os caracteres foram mudados e o sentido, alterado para que possa ser lido da seguinte maneira: "E a terra será um deserto desolado. Haverá lamentos, e o ódio e a consternação estarão sobre a Face. E o Sopro de El-him, por causa da presença do espírito, destruirá aqueles que se distanciaram de Deus."

Análise do Texto

No capítulo introdutório de seu manuscrito, Saint-Germain retrata engenhosamente o estado "relapso" da alma humana. A masmorra da Inquisição é a esfera da consciência animal do homem. O mundo físico, dominado pelos impulsos inquisidores, constitui a câmara de tortura e a casa de provas da alma. Para o sábio, o universo material é a antecâmara onde se reúnem aqueles que estão aguardando admissão aos rituais sagrados. Quando o conde fala deste "lugar de exílio" e dos "monarcas que o governam", ele se refere ao universo ilusório e aos "príncipes deste mundo". Aqui está o mito de Prometeu, o titã amarrado no Caucasus por causa da indiscrição, e Lúcifer, acorrentado nos abismos sem fundo por causa de seu orgulho.

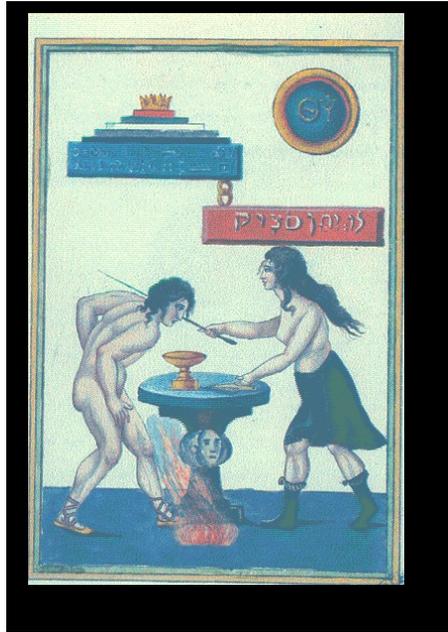
Pelas páginas iniciais, é possível rastrear a alegoria do Filho Pródigo. Primeiro é retratado o estado heróico da humanidade durante a Era de Ouro, antes do pecado e a morte terem entrado no mundo. Saint-Germain descreve a si mesmo como "agraciado com as bênçãos do céu e cercado por um poder tal que a mente humana não pode conceber". O conde então escreve que "um instante destruiu tudo". O mistério da Queda do Homem nunca foi revelado para o profano. A grande lei cíclica, que varreu as hostes de centelhas de fogo para o abismo, é conhecida somente pelos eleitos. Na escuridão do caos, os espíritos rebeldes estabeleceram seu mundo. Eles construíram o cosmo e foram trancados dentro de cada um dos elementos materiais que sua vontade trouxe para a existência. Quando a terra inferior foi concluída, o grande Pai desejou atrair de volta para Si Sua criação pródiga. Para alcançar isso, Ele fez sair de Seu próprio ser Sua PALAVRA - o Consolador ou Messias. Descendo da Morada da Luz, este Arconte celeste diminuiu seu esplendor e, investindo sua glória nos mantos escuros da terra, tomou sobre Si a cruz dos ciclos.

Para os gnósticos, o universo físico foi composto de restos de espírito. Foi o aborto do espaço. A existência material foi o castigo da natureza pela rebelião dos anjos. Isto foi colocado claramente nos rituais iniciáticos que ensinavam que os homens renasciam em corpos terrenos como castigo pelo pecado. Aqueles que se aperfeiçoavam não nasciam mais, mas, como Buda, na Grande Libertação, passavam para o Nirvana dos sábios - um estado sem nascimento, sem morte. Das masmorras da materialidade, os sábios se libertavam através da prática de seus ritos esotéricos. Perfeitos em sabedoria, esses Iniciados irrompiam através do muro adamantino da esfera mortal e emergiam na luz de Deus.

A interpretação alquímica refere-se aos espíritos elementares aprisionados dentro das formas físicas dos elementos. Deve-se observar que, neste percurso através das provas iniciáticas, Saint-Germain identifica *a si mesmo* com a substância da qual a Pedra Filosofal deve ser formada. Ele é a própria *matéria* alquímica, atravessando os doze ciclos do refinamento. Assim se torna evidente que os alquimistas reconheciam que sua Grande Obra consistia na sua própria transmutação. A terra (o calabouço) está cheia das almas germinais de metais preciosos, que estão trancados aqui, aguardando a Arte e a Sabedoria. Assim como o ouro existe dentro de cada grão de areia mas é incapaz de se manifestar, a menos que estimulado por processo alquímicos, assim as sementes da verdade, beleza e conhecimento existem dentro da terra escura do organismo animal do homem. O crescimento e o aperfeiçoamento dessas preciosas virtudes são estimulados pela disciplina e, na plenitude do tempo, todos os impulsos e propósitos básicos são transmutados no ouro do poder da alma.

SEÇÃO II

(Figura II, página 14)



Em suas notas sobre a *TrinosoPhia*, de Givry ocupa-se somente com o aspecto alquímico do simbolismo desta figura. Sobre a segunda prancha, ele diz que ela "representa um homem olhando para uma taça profética que forma um espelho mágico. Os signos conjugados do Sol e da Lua são vistos contra o pé da mesa. No topo da figura, uma sobreposição de retângulos de diferentes cores indica as fases da Obra. E o sinal duplo do falo num círculo lembra, emblematicamente, o homem e a mulher herméticos. Uma inscrição em letras gregas e caracteres inventados dá uma fórmula para a criação de Ouro, ou o Rei-Sol, por meio de uma mistura de ouro e prata regenerados pelo mercúrio vital. Ligado ao retângulo azul que dá esta fórmula, está ligado um retângulo vermelho, inferior, no qual está gravada a regra para o fogo da fornalha em caracteres hebraicos".

Uma análise cuidadosa nos inclina a suspeitar de um significado mais profundo. O círculo superior à direita, embora possivelmente fálico no seu sentido superficial, é na verdade, um monograma ou selo oculto contendo duas letras gregas. Traduzidas, estas significam "a Luz de Deus", ou "A Luz da Revelação". Os retângulos superiores à esquerda são os elementos. O arranjo é oriental. Os quatro inferiores são coroados pelo quinto - a quintessência, o misterioso Éter dos sábios. A inscrição no painel superior descreve a aceleração da semente da alma pelo calor do quadrante oriental (Áries). Rá também referência ao Sopro que se move dentro do vaso, ou sobre as águas. O número 62 aparece acompanhado pela exortação a que se abra o portão celeste (clarividência) com a

ajuda do vaso ou taça. Será que a taça (arca) contém a Água do Lete (esquecimento), que as almas bebem quando descem para serem geradas, perdendo assim toda a lembrança de sua origem celeste? Ou ela contém a Água de Mnemosina, que flui junto ao portão da sabedoria e da qual os iniciados bebem, a água da lembrança pela qual a alma lembra sua própria essência e origem?

A figura feminina é Ísis em seu papel de Iniciatrix. Ela é a Natureza, e sua saia preta é o mundo corpóreo pelo qual parte de seu corpo é escondido. O homem nu é o neófito. Sem veste ele veio ao mundo e sem veste deve renascer. Destituído de todos os adornos, de classe e de poder, ele não pode trazer ao templo

nada do que possui - somente aquilo que é.

A mesa, sustentada pelo Sol e pela Lua e em cuja base arde o fogo eterno, é o mundo. Os objetos que estão sobre ela, ou segurados por Ísis, são três dos símbolos dos naipes que aparecem nas cartas do Tarô. O desenho inteiro, na verdade, parece-se com o arcano maior do Tarô chamado Le Bateleur, o Mago (o prestigeador). A *taça* é o símbolo da água, a *ponta de lança*, do fogo e a *bastão*, do ar. Fogo, ar e água são os símbolos do grande Agente Mágico. Seus nomes em hebraico são Chamah, Ruach e Majim, e pela Cabala, a primeira letra de cada uma dessas palavras - *Ch*, *R* e *M* - compõem Chiram, conhecido pelos maçons Como Riram. Esta é a essência invisível, pai dos quatro elementos, e designa-se Chiram Telat Mechasot - Chiram, o Agente Universal, um em essência, três em aparência, no qual está escondida a sabedoria do mundo inteiro. Os caracteres hebraicos no painel acima da cabeça de Ísis traduzem como: "Por causa da tristeza, eles vão aderir ao Dispensador", o que significa que aqueles (os sábios) que se cansaram do mundano voltarão à sabedoria, o dispensador de todas as coisas boas.

Análise do Texto

O relato do ritual iniciático começa agora. O discípulo esperou o tempo determinado no escuro universo material que é o ventre dos Mistérios. O processo do nascimento filosófico continua de acordo com a antiga lei imutável. O neófito, velado e portando o Ramo de Ouro (o visgo) avança em direção do altar de ferro.

A escolha do Vesúvio como cenário para a iniciação é extremamente apropriada. A cratera do vulcão desce até as camadas subterrâneas da Terra onde habitam as divindades subterrâneas que devem ser propiciadas em primeiro lugar. O vulcão também é o símbolo da fornalha alquímica. O véu significa que o neófito alcançou o estado do *mistae* - aquele que vê através de um véu, ou, nos Mistérios Cristãos, "como através de um vidro escuro". Plínio se refere ao visgo como o "que tudo cura". Foi, presumivelmente, o Ramo de Ouro dado a Enéas como passaporte para as regiões infernais. Sir James Frazer comenta assim sobre a cerimônia iniciática conforme descrita por Virgílio:

"Se o visgo, como um ramo amarelo ressecado nas tristes florestas de outono, foi concebido para conter a semente do fogo, que melhor companheiro poderia levar consigo um peregrino perdido nas sombras do que um ramo que seria uma lâmpada para seus pés, bem como um bastão e vara para suas mãos? Armado com o ramo, ele poderia confrontar corajosamente os terríveis espectros que cruzariam seu caminho em sua viagem aventureira. Assim, quando Enéas, saindo da floresta, chega às margens do Stix, que serpenteia suas águas modorrentas pelo pântano infernal, e o barqueiro mal humorado lhe recusa passagem em seu barco, resta-lhe tirar o Ramo de Ouro de seu peito e erguê-lo e, imediatamente, o fanfarrão se encolhe diante da visão e recebe servilmente o herói em seu barco esquisito, que afunda na água sob o peso incomum do homem vivo."

O visgo é um parasita e, como tal, simboliza o homem celeste dentro do corpo mortal. A alma cresce do corpo e no corpo, mas não é do corpo, pois assim como a árvore tira seu alimento da terra, o corpo recebe seu sustento de fontes materiais; mas o visgo deriva sua vitalidade não da terra escura mas da árvore e doar. Diz-se que o visgo é luminoso na escuridão, e é chamado de tocha do homem sábio. Sua luminosidade é a luz dos órgãos internos - a aura do cérebro. Aquele que leva o ramo anuncia estar preparado para receber a iniciação.

O neófito deposita o ramo sobre o altar de ferro; ele se doa à lei, assumindo as responsabilidades do

progresso espiritual. A Palavra sagrada é pronunciada. O Ramo consagrado se incendeia: o sacrifício é aceito. A terra se abre. O candidato desce pelos Arcos Reais como se para dentro de um grande abismo. A névoa se dissipa, revelando uma ampla caverna - a mãe escura da qual todas as coisas procedem - de significado semelhante à caverna das ninfas de Porfírio. O longo manto branco é a veste sem costuras do Nazareno, tecida com os infundáveis fios da experiência. A lâmpada de cobre é o amor iluminado, sem o qual nenhum homem pode seguir o estreito caminho da sabedoria. Vestido em pureza, iluminado por compaixão e entendimento, o neófito segue pela negra passagem abobadada que leva à imortalidade.

Depois de uma longa distância, a passagem termina num aposento quadrado, do qual se abrem quatro portas. Este é o Salão da Escolha. As portas significam os caminhos que a alma pode seguir. A porta negra é o caminho do ascetismo e trabalho; a vermelha, o da fé; a azul, o da purificação, e a branca, o da iniciação e dos Mistérios Supremos. No *Bhagavad-Gita*, Krishna descreve esses caminhos e aqueles que os seguem, e revela que o último é o mais elevado e o mais perfeito.

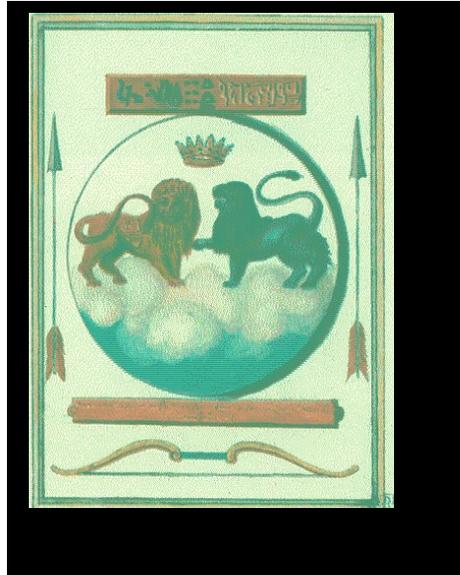
O neófito entra pela porta negra do ascetismo e trabalho e está prestes a atravessar a porta vermelha do amor iluminado quando ela se fecha diante dele. Ele se volta para a porta da purificação e sacrifício, mas esta não o recebe. Então a estrela, o símbolo de seu *daimon* ou gênio essencial, lança-se pela porta branca. O destino decretou a iniciação. O neófito segue sua estrela.

O significado alquímico do relato revela que, no início da Grande Obra, o poder da escolha é dado ao operador, para que ele possa decidir o fim para o qual seu trabalho será direcionado.

A porta negra representa a fabricação do ouro material. A vermelha, o Remédio Universal para a cura das nações. A azul, o Elixir da Vida, e a branca, a Pedra do Filósofo. Pela porta escolhida, descobrimos que aspecto da Grande Obra nosso autor está considerando.

SEÇÃO III

(Figura II!, página 23)



Dois leões, um vermelho e outro negro, guardam a Coroa. A Coroa é Kether, fonte da sabedoria. O rei das feras simboliza a nobreza e a soberania. Em tempos antigos, figuras de leões decoravam os tronos dos príncipes. Esses animais também eram guardiões dos portões e, no Egito, a Esfinge, a leoa com cabeça humana, guardava a entrada para a Casa dos Mistérios.

A inscrição sobre o flanco do leão está invertida. Um símbolo invertido significa um poder pervertido: assim, a nobreza se torna tirania e a grandeza leva ao despotismo. Na introdução de seu escrito, Saint-Germain adverte seus discípulos sobre os dois adversários que o neófito deve vencer. Um, ele chama de *mau uso do poder* e o outro, *indiscrição* ou *imprudência*. O leão negro representa a tirania e o vermelho, a luxúria. Aqueles que querem alcançar a sabedoria devem vencer estes animais para alcançar a Coroa que fica além deles. O leão negro é a tentação do poder impulso para construir um império temporal num universo espiritual. O leão vermelho é a tentação para possuir. Seus ministros no corpo humano são as percepções sensoriais que desviam o candidato aspirante de seu caminho sagrado, e o conduzem para a esfera fantástica dos apetites e dos desejos. Não pode haver nenhum tipo de acordo com estes monstros da perversão.

Junto com a visão, aparecem suspensos o arco retesado da vontade e duas flechas com ponta de lança. É preciso armar rapidamente o arco e atirar a flecha no coração de cada fera. "Mate o desejo", decreta o mestre oriental. "Destrua a ambição", escreveu o sábio ocidental. As nuvens sobre as quais os leões estão significam a insubstancialidade das pompas e das circunstâncias do mundo, enquanto acima, no céu claro, a Coroa de Ouro paira sem ser sustentada. A sabedoria é uma base suficiente por si mesma, mas todos os outros corpos e condições dependem, para sua sustentação, da matéria frágil "de que são feitos os sonhos".

O painel acima dos leões ordena que o homem deve dobrar o joelho e adorar o Deus todo-poderoso que envia seu amor em esplendor alado, do primeiro ângulo do mundo (Áries). Informa também que o sexto signo, forte e poderoso, é o término e a conclusão das eras. Virgem, o sexto signo do Zodíaco, é o símbolo do serviço e da renúncia, pelo qual os leões podem ser vencidos. Aquele que renuncia à vida em troca da sabedoria, receberá uma vida mais plena.

Abaixo dos leões há um painel contendo caracteres gregos que significam: "Cada um deve borrifar-se

com seu próprio vinho da montanha de Chios. Deve brindar a Deus diante da floresta. Deve se dar em troca daquilo que anseia." Essas palavras são de um antigo ritual. A floresta era o símbolo de Dionísio e foi em honra desse deus da floresta e da videira que o ritual da Comunhão foi inicialmente estabelecido. Beber de seu próprio sangue ou borrifar-se com seu próprio vinho é mergulhar ou ser Impregnado pelo poder da alma interior. A fermentação era a presença de Baco ou a vida no suco da uva, e os gregos usavam o símbolo da embriaguez, como o fazem os sufis do Islã, para representar o êxtase. Eles descreviam um homem em estado de êxtase como aquele "embriagado com Deus".

Análise do Texto

A primeira iniciação é a da *terra*, representada pelas passagens negras nas regiões subterrâneas do vulcão. Para passar nesta prova, todas as partes do corpo devem ser subjugadas, transformando o corpo num instrumento perfeito da vontade iluminada. Os átomos e as moléculas do corpo devem vibrar sob nova maneira, até que não reste nenhuma parte do tecido físico que não pulse com a energia espiritualmente orientada.

O segundo mistério na ordem do Ritual de Mênfis é o da *água*, e no início desta seção, o candidato se encontra em pé sobre a praia de um vasto lago subterrâneo. Este é o mar do éter que separa os dois mundos. É o corpo úmido da terra, a esfera da geração. Aquele que quer alcançar o mundo invisível deve atravessar este mar, isto é, tornar-se senhor dos poderes geradores da natureza. Conduzido pela estrela brilhante, o candidato se lança no meio das ondas. Com sua lâmpada colocada sobre o topo de sua cabeça, ou chakra coronário (o fogo do espírito elevado para a glândula pineal), ele luta para dominar as correntes do mundo etérico. Sua força falha e ele grita pela ajuda da Causa Universal. Aparece um barco e sentado nele está o rei da terra com uma coroa de ouro em sua fronte. Mas o barco aponta *de volta* para a margem da qual o neófito havia partido. O homem coroado oferece os reinos da terra, mas o discípulo da sabedoria que se elevou acima dessas coisas não pode ser tentado tão facilmente. Fortalecido pela coragem da decisão reta e auxiliado pelos gênios invisíveis, o candidato luta para alcançar a margem distante. Diante dele, ergue-se o muro prateado da lua, a senhora do mar, cujo domínio ele atravessou.

A iniciação pelo *fogo* o aguarda. Tendo dominado o princípio vital da natureza pelo qual o crescimento e a propagação são controlados, em seguida, o candidato enfrenta a ambição, o fogo do orgulho e a tirania ardente dos excessos emocionais. Ele observa os leões, símbolos do fogo. A chave para o curso de ação é revelada pelos hieróglifos. Os leões, a escrita e o muro se dissolvem. O caminho se estende pela esfera da chama eterna.

O aspecto alquímico do simbolismo é o da purificação ou o banho dos elementos da Pedra. Neste processo de purificação, eles passam de um estado terrestre, através de uma condição vaporosa ou aquosa, para uma qualidade fogaosa ou gasosa. A umidade limar presente em todos os corpos deve ser secada, o que levou os filósofos gregos a declararem que "uma alma seca é uma alma sábia". Os platônicos interpretaram isto como significando que o domínio do princípio lunar trazia o final do reino da corrupção, pelo qual todos os corpos acabam sendo dissolvidos. A lua rege a geração física ou a perpetuação das formas corruptíveis, mas o sol tem domínio sobre a geração espiritual, a criação de corpos incorruptíveis. O homem é a progênie do fogo (o sol), da água (a lua) e do ar (o pássaro de Thoth). A tentação pelo rei com a coroa dourada sugere uma das dificuldades mais comuns da tradição alquímica. Muitos dos que tentaram esta arte falharam em sua busca da sabedoria porque ficaram fascinados pelos sonhos de riqueza. O ouro material tenta o alquimista para longe de sua busca espiritual pela iluminação e imortalidade.

SEÇÃO IV



(Figura IV, página 30)

Sobre um altar formado pelos doze anéis de uma serpente alada, enrolada ao redor de uma lança, repousa a taça da Eternidade. Essa imagem deriva da serpente cíclica usada com muita freqüência nos Rituais de Serapis. Os doze anéis da cobra significam o ano filosófico e o caminho espiral do sol pelas constelações zodiacais. Na preparação da Pedra do Sábio, os elementos atravessam doze estágios de ampliação. Em cada um desses ciclos, o poder da *matéria* é intensificado, fato sugerido pelo aumento constante do tamanho das espirais da serpente. A figura também lembra aquilo que os sábios chamaram de vórtice filosófico - a forma natural da força anímica no corpo humano

Em *Ísis Desvelada*, H. P. Blavatsky escreve: "Antes que o nosso globo adquirisse a forma de ovo ou a forma redonda, era uma longa trilha de poeira cósmica ou vapor de fogo, movendo-se e revolvendo-se como uma serpente. Isto, segundo as explicações, era o Espírito de Deus movendo-se no Caos até que seu sopro incubou a matéria cósmica e a fez adquirir a forma anular (...)." Nos *Oráculos Caldeus*, o Fogo Universal se movimenta de forma serpentina. O presente símbolo é a Sabedoria Universal que se move como uma serpente alada sobre a superfície do caos primitivo - isto é, o corpo não regenerado do neófito. O ritual dos Mistérios Sabazianos incluía desenhar uma cobra viva no peito do candidato. No desenho, a serpente é enrolada ao redor da coluna vertebral - a lança - e forma um suporte apropriado para a taça da imortalidade.

Ao lado deste estranho altar está a espada incrustada com pedras preciosas. Quase imperceptíveis sobre sua bainha estão gravados os antigos símbolos do olho, do coração e da boca, que simbolizam as três pessoas da Tríade Criativa - vida no coração, luz no olho, respiração na boca. A vida, a luz e a respiração são as fontes de todas as coisas e de sua união no símbolo cruciforme o candidato deve forjar a arma para a sua proteção contra as trevas elementais. O símbolo do ciclo deve ser vencido pela sabedoria.

Esta é a "espada da decisão rápida" com a qual o neófito oriental deve cortar rente os ramos serpentiformes da figueira-de-bengala do mundo, o emblema dos ciclos que se auto-renovam e da lei do renascimento. A serpente é a espiral da evolução. A taça contém o luminoso mar nirvânico no qual a alma se funde no final. A espada é a *vontade iluminada* - a mesma espada que resolve o enigma do Nó Górdio da vida, cortando-o de um só golpe.

As palavras secretas do painel superior expressam este pensamento. Traduzidas, significam:

"Reverencia este vaso (arca ou taça) da Eternidade. Oferece livremente uma parte de ti mesmo para *IA* (Iah ou Jah, Jehovah) e para o canto (ou ângulo) em reconciliação." Isto deriva do simbolismo dos caldeus, que consideravam a Causa Universal como o Senhor dos Ângulos.

Análise do Texto

O candidato entra no lugar do fogo. Um grande mar de chamas (o mundo astral) se estende em todas as direções, borbulhando e ardendo numa fúria infernal. O daimon ordena ao candidato que avance. Com a mente fixa na Realidade, o discípulo obedece e acaba descobrindo que o fogo perdeu seu calor, e caminha incólume em meio à conflagração. Ele se encontra no Templo do Fogo Sideral, no meio do qual está a forma verdedourada de uma serpente com olhos de rubi e escamas em forma de figuras geométricas. A natureza do fogo é claramente revelada, pois é dito que metade dele queima com uma luz vívida enquanto a outra metade é sombreada e escura. É a serpente da luz astral, que, segundo Eliphaz Levi, se enrola ao redor de toda flor que cresce no jardim de Kama, ou desejo. O yogue, em sua meditação, sabe bem o significado da Casa do Fogo e a serpente que a guarda. Aqui o candidato descobre o significado do Espírito do Fogo Universal que, dirigido para baixo, é a raiz de todo o mal, mas se é direcionado para cima, atrai todos os homens para a sabedoria. O fogo-serpente deve ser vencido. A espada está à mão, e com ela o candidato golpeia os anéis de bronze. O bronze é o metal composto que simboliza o corpo do homem, antes da filosofia reduzi-lo a seus elementos simples.

O Senhor do Mundo do Fogo é vencido. Os sentidos são controlados e os apetites estão sob o domínio férreo da vontade. A raiva, o ódio e o orgulho foram exilados da alma. Os três fogos _a ilusão se extinguiram. A miragem da luz astral desvanece-se integralmente em meio a uma terrível explosão de som e cor. O candidato é erguido através dos Arcos do submundo. Ele passa rapidamente pelos monstros que habitam os limiares do excesso.

A espada cruciforme espalha a maléfica aglomeração das trevas neófito vai subindo, vai subindo, através das numerosas camadas do globo (as órbitas das estrelas internas), depois de seus três dias (graus) nas trevas do Hades. A pedra é rodada Para o lado e, finalmente, com uma explosão de glória, ele emerge na luz do dia - a esfera do *ar* onde mora a mente que deve Ser conquistada em seguida.

A filosofia alquímica é evidente. a espaço circular é Um vaso de destilação colocado no meio da chama da fornalha. A serpente representa os elementos que estão dentro da retorta e o candidato modela outros elementos que têm o poder de dissolver e corroer a serpente. A subida do candidato através dos muros do globo significa aqui os vapores que, subindo através do tubo comprido do destilador, escapam do inferno aquecido abaixo.

SEÇÃO V

(Figura V, Página 36)



O estranho pássaro pairando sobre o fogo do altar é o Íbis sagrado, símbolo de Thoth, o deus egípcio da sabedoria e das letras, e patrono da alquimia. É o volátil Mercúrio filosófico que pode permanecer num estado de suspensão só "quando em meio às chamas". Por Mercúrio filosófico devemos entender o princípio regenerado do intelecto - a mente é tornada verdadeiramente luminosa pela chama da inspiração. a pássaro carrega em seu bico um ramo verde, a acácia da maçonaria - símbolo do renascimento e da imortalidade através da iluminação espiritual as pés e as asas negros significam o princípio da *terra*, o corpo prateado, o princípio da *água*, a cabeça vermelha, o princípio do *fogo*, e o pescoço dourado, o princípio do *ar*. as corpos espirituais dos elementos são, assim, unidos numa criatura filosófica, o pássaro dos sábios - a fênix.

Ao lado do *Pássaro* e do *altar* há um elaborado castiçal, com sua base formada de serpentes entrelaçadas. (Ida e Pingala?) A extremidade superior do castiçal termina numa flor de lótus da qual surge um círio aceso. Esta é a luz da alma, a luminosidade interior que revela o segredo do pássaro. Da mesma forma como existência externa do homem é iluminada pelo sol externo pelo qual ele percebe as coisas temporais, assim sua existência interior é iluminada pela luz de sua alma, cuja luminosidade torna visíveis as obras da mente divina interior.

A inscrição abaixo diz: "Para o forte é dada a carga." Isso se refere à qualificação para a iniciação. As grandes verdades da vida só podem ser conferidas àqueles que foram testados nos aspectos essenciais do caráter e do entendimento. No painel acima, o leitor é instruído a "Alimentar um fogo sobre o lugar alto, para que o sacrifício possa ser levado para cima, para a Desejado". a simbolismo é emprestado das cerimônias dos antigos judeus. Sobre o altar de incenso queimado ardia continuamente um fogo. Este é o fogo da aspiração sagrada que consome os elementos básicos do corpo e os transmuta em qualidades da alma, simbolizadas pela fumaça do incenso, que sobem como evidência da aliança espiritual entre a humanidade aspirante e seu Criador.

O painel à direita descreve a cerimônia que acompanha a construção do fogo sagrado. a da esquerda é

parte de um ritual, conforme se segue: "Quando os anos desta existência se cumprirem, e a alma, expirando na morte, se aproximar dos portões da imortalidade, que o pássaro possa levá-la rapidamente para a morada dos sábios." Nos rituais egípcios, a alma do Iniciado partia na forma de um pássaro, que é mostrado pairando sobre o leito no qual jaz a múmia. A pássaro-alma com o ramo verde relaciona-se ao Mistério Messiânico conforme colocado no *Livro dos Mortos*. A sabedoria confere imortalidade à alma. Sem sabedoria, a alma deve perecer com o corpo. Este é o segredo do ritual do *Sair de Dia ou a Expiração do Ka*.

ANÁLISE DO TEXTO

O candidato experienciou em seguida o mistério do princípio *aéreo* ou intelectual. Ele é erguido para fora das profundezas subterrâneas por seu espírito guardião e levado para a atmosfera superior. Abaixo dele está o deserto. Atenção especial é dada às massas triangulares - as pirâmides. Um manuscrito anterior, de nossa coleção, afirma que os egípcios eram capazes de manufaturar a Pedra do Filósofo sem calor artificial, enterrando a retorta na areia do deserto, que fornecia a temperatura exata para experiências alquímicas. O deserto é aqui um símbolo da aridez e improdutividade da consciência não desperta. No universo físico, os valores espirituais desvanecem, no entanto no meio dessa esfera mortal estão as pirâmides, símbolos supremos da alquimia espiritual - templos de iniciação no deserto da espera. É significativo que a atmosfera do Egito seja especialmente adequada à perpetuação de antigos monumentos do saber que, quando retirados de seus antigos jazigos, rapidamente se deterioram. Assim, a vida material, o deserto, é um laboratório natural no qual a química suprema é realizada através do sofrimento e da aspiração.

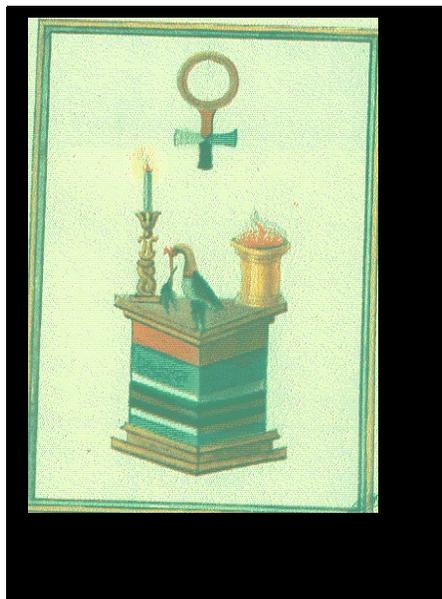
O relato da subida e da queda do candidato através do espaço relaciona-se com as alternâncias das substâncias na retorta, num ciclo de atenuação e precipitação, para, finalmente, serem eliminadas pelo gargalo do frasco. Hermes usa esta figura para descrever o mistério do renascimento, a alternância periódica da alma de uma condição temporal para uma sideral, e sua libertação final através da iniciação. Ao alcançar a extremidade superior da esfera intelectual, o candidato não consegue funcionar mais, e desmaia.

Ao recuperar os sentidos, ele descobre estar investido com uma veste estrelada, a mesma da qual fala Apuleius em seu *Metamorphosis*, e também a que é usada pelos iniciados do Rito Mitraico. A veste estrelada representa não só o corpo áurico, mas também um novo aspecto universal de ser - a consciência sideral, proporcionada pela experiência da iniciação. O candidato pode voltar para a estreiteza de seu ambiente físico, mas jamais conseguirá reduzir novamente sua consciência às limitações do estado material. O corpo estrelado é seu intelecto regenerado e iluminado.

Os estranhos caracteres, que indicam o nome do *pássaro* com o ramo verde, decodificados, significam: "A ser dada a vida" isto é, imortalidade. O nome do *altar* é: "A Coroa, Kether" e decodificado: "Quando for o por tão de entrada." Juntas, as duas frases significam: "A imortalidade será conferida diante do por tão da Casa da Sabedoria." O nome do *Géria* é *Luz*; mas traduzidos, os caracteres dizem: "A moeda será escondida e esquecida." Esta moeda do profeta deve ser entendida no sentido do naípe de Ouros do baralho de Tarô, pois este naípe representa o corpo material sobre o qual o símbolo tem soberania. A sentença pode ser: "O corpo do sábio será ocultado." Este pensamento era fielmente seguido pelos antigos iniciados. Os túmulos dos Iniciados jamais foram descobertos, e no famoso cemitério Rosacruz, os lugares de repouso dos Irmãos são marcados apenas pela Rosa. Durante as cerimônias de iniciação, que aconteciam nos mundos invisíveis, o corpo físico do neófito era escondido num lugar secreto, onde nenhuma força perturbadora poderia alcançá-lo enquanto a alma estivesse explorando os mistérios de Amenti. Aqui, o comportamento representa a personalidade e a esfera da vida pessoal e integral que deve ser descartada e esquecida.

Também o ego pessoal que deve morrer ou ser enterrado para que o Eu Universal possa nascer de sua semente.

SEÇÃO VI



(Figura VI, página 43)

O altar que o nosso autor descreve como sendo composto de quatro elementos tem forma triangular. Desta circunstância, são produzidos dois números sagrados: o quadrado 4, mais o triângulo 3, que é igual a 7. Os quatro elementos do altar multiplicados pelo triângulo é igual a 12. A composição do mundo é revelada a partir disso. A natureza é um arranjo triangular e quatro elementos, e o mundo divino, do qual o zodíaco é um símbolo apropriado, consiste nesses elementos multiplicados três vezes, ou em seus três estados primários. O altar é o corpo humano; suas partes materiais - o quadrado - estão arrumadas na ordem espiritual - um triângulo. Sobre o altar estão os três símbolos do diagrama anterior. Eles estão colocados de modo a formar um triângulo, e devemos entendê-los como sal, enxofre e mercúrio - corpo, espírito e alma.

No ar acima do altar está a cruz ansata (Cruz egípcia ou ANKH), símbolo da geração e da fecundidade. Isto pode ser considerado como cobre - o metal de Vênus, e símbolo da energia reprodutora da alma. Vênus é o Lúcifer dos antigos, o portador da luz, a estrela do autoconhecimento. Este símbolo deve lembrar o sábio que o poder de multiplicar é comum tanto ao homem interno, quanto ao externo. Assim como corpos geram corpos, assim também o corpo interior, a alma, gera os arquétipos das personalidades. Pela alquimia, a sabedoria se perpetua aplicando para seus próprios propósitos peculiares as mesmas leis pelas quais as formas são perpetuadas na esfera corporal.

A figura toda é um símbolo da geração espiritual, o mistério de Melquisedeq, que é seu próprio pai e sua própria mãe e está acima da lei. Ela emite a reenergização perpétua pelo uso da Pedra. Ela conta do mesmo poder que o próprio Saint-Germain possuía, de continuar pelos séculos por meio do Elixir sutil, cujo segredo era conhecido somente por ele mesmo e seus Mestres. Primeiro, as três partes do homem composto - espírito, alma e corpo - devem ser equilibradas, e deste equilíbrio nasce o Homunculi ou Homem de Cristal. Este Homem é um ego gerador imortal capaz de precipitar personalidade conforme a sua vontade, no entanto, ele mesmo imutável por essas personalidades e sem sofrer qualquer tipo de limitação por elas. Em vez da

alma vivendo no corpo e aprisionada por suas limitações, uma nova condição é estabelecida: o corpo vive na alma. Para o iniciado, a forma física nada mais é do que um instrumento para a expressão da consciência, inteligência e ação - representados pelo *círio*, o *Pássaro* e o *altar* ardente.

ANÁLISE DO TEXTO

Esta parte contém alguns dos mais belos simbolismos de todo o manuscrito. O candidato, tendo transcendido os quatro elementos, agora continua para a esfera das causas mais sublimes, onde é instruído nos grandes princípios cabalísticos pelos quais a integridade universal é preservada. O *palácio* é a esfera arquetípica - o mundo das Idéias de Platão. O simples arranjo geométrico revela a harmonia divina.

As portas do mundo arquetípico são abertas e o Hierofante da Ordem sai. É Ele, que foi chamado de Mestre da Casa Oculta, o Iniciador, o Guardião das Chaves de Thoth. A alquimia é uma religião do fogo, como também é o zaratustrianismo. O Mago, portanto, usa as insígnias de Zoroastro e fala na língua do Profeta do Fogo. Os nomes que o Hierofante dá ao *pássaro*, ao *círio* e ao *altar* são os mesmos dados na seção precedente.

Na companhia do Iniciador, o candidato entra no imenso templo, cujas 360 colunas não deixam nenhuma margem de dúvida a respeito de sua identidade com o universo. O altar já descrito, sendo a causa tríplice da esfera material, está no centro do grande salão. Em seguida, o Hierofante informa ao discípulo os novos nomes que foram dados aos objetos sagrados. O *pássaro* é chamado *Ampheercha*, que significa que uma mãe gerará a imagem, ou duplo. Isto é uma referência à Imaculada Conceição e à Doutrina Secreta como mãe dos iniciados. O nome do *altar* parece ser a designação para *sacerdote*, mas refere-se ao Iniciador como aquele através de quem o discípulo nasce no segundo nascimento, ou nascimento filosófico, um mistério mais plenamente explicado no nome do *círio*. O salão é chamado de *Sky* (o firmamento) mas envolve, na formação de seus caracteres, a admoção cabalística: "Adora a glória que está por vir." O altar triangular é *Athamor*, uma fornalha digestora auto-alimentada, usada pelos alquimistas, mas a palavra pode ser dividida em duas. A primeira parte significa imortalidade e a segunda, os quatro quadrantes do céu.

Os oitenta e um Tronos colocados dentro do palácio do Firmamento, cada um no topo de nove degraus, são de grande significado. Os Mistérios Rosacruz consistiam em nove ritos ou graus menores e três maiores - um sistema que pode ser rastreado diretamente até a Cabala. De Kether, a Coroa universal saem as nove Sephiroth e de cada uma delas por sua vez saem nove outras. Nove é o número sagrado do Homem e, na antiga Cabala, Adam (ADM) é o equivalente numérico de 1, 4 e 40 números cuja soma é 9. O simbolismo do nove é constante na literatura mística. Os Mistérios de Eleusis eram dados em nove cerimoniais noturnos para representar os meses do período pré-natal. Por soma cabalística, oitenta e um é igual a nove, e os Tronos significam os oitenta e um ramos que crescem na grande Árvore do Mundo. As escolas dos Mistérios Menores seguem o padrão da harmonia universal e aqui vemos descrito o arranjo da Irmandade secreta.

O nome do grande salão é repetido no texto como o ponto onde os veneráveis membros da escola entram e tomam seus assentos. O discípulo recebe seu nome filosófico. Ele é chamado de Homem Sábio e as palavras significam: "Ser a Face ou Manifestador do Altíssimo." Então, os nove mestres da loja entregam seus presentes. O primeiro dá um *cubo de terra cinza* representando o elemento terra. O segundo, três *cilindros de pedra negra* - as três fases da Lua. O terceiro, um *crystal arredondado* - Mercúrio. O quarto, um *penacho de penas azuis* Vênus. O quinto, um *vaso de prata* - o Sol. O sexto, um *cacho de uvas* - Marte. O sétimo, um *Pássaro* - Júpiter. O oitavo, um pequeno *altar* - Saturno, e o nono, um *círio* - as estrelas fixas. Para entendermos o significado desses presentes, consideremos os seguintes fragmentos do Pimander de Hermes, relativos à ascensão da alma através de nove esferas e a devolução aos Senhores de cada uma dessas

esferas dos presentes ou limitações que são impostas pelas leis da geração:

"Depois que a natureza inferior voltou ao estado bruto (os elementos), a natureza superior luta de novo para readquirir seu estado espiritual. Ela sobe pelos sete Anéis sobre os quais se assentam os Sete Governantes e devolve a cada um seus poderes inferiores da seguinte maneira: sobre o primeiro anel está assentada a Lua, e para esta é devolvida a habilidade de aumentar e diminuir. Sobre o segundo anel está assentado Mercúrio e para este são devolvidas as maquinações, o engodo e a astúcia. Sobre o terceiro anel está assentada Vênus e para esta são devolvidas as luxúrias e as paixões. Sobre o quarto anel está assentado o Sol e para este Senhor são devolvidas as ambições. Sobre o quinto anel se assenta Marte, e a este são devolvidas a imprudência e a ousadia profana. Sobre o sexto anel se assenta Júpiter, e a este são devolvidos o sentido de acumulação e riquezas. E sobre o sétimo anel se assenta Saturno, no Portão do Caos, e a este são devolvidas a falsidade e as más maquinações.

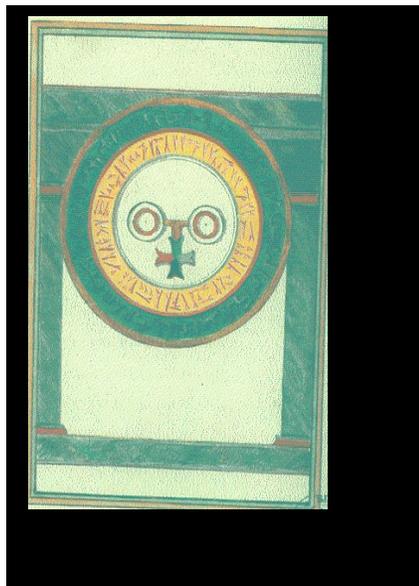
"Em seguida, despida de todas as acumulações dos sete Anéis, a alma chega à Oitava Esfera, ou seja, o anel das estrelas fixas. Aqui, libertada de todas as ilusões, ela habita na Luz e canta louvores ao Pai numa voz que só os puros de espírito podem entender."

O nome para o cubo de terra cinza relaciona-se com o mistério do nascimento espiritual. O dos três cilindros negros é altruísmo. O do cristal arredondado significa o final das eras ou dos ciclos. O das penas azuis é Aquário ou a Perna do Grande Homem. O do vaso de prata é o nascimento do espírito. O das uvas é regeneração. O do pássaro, aqueles que vivem na luz ou na verdade. O do altar, a frutificação da virtude ou o máximo bem, e o do círio "o brotar", o egípcio *Sair de* - a conclusão, o nono mistério. Que o círio é realmente um símbolo da esfera das estrelas fixas e da camada correspondente da alma humana é provado também pelo fato de que o manuscrito nos diz que é composto de partículas brilhantes.

O mistério das nove partes da alma constitui a conclusão dos Mistérios Menores e o total controle de todas as faculdades, funções e poderes corporais. Os três Mistérios Maiores estão além e ainda são simbolizados pelo *pássaro*, pelo *círio* e a *luz*. Os Mistérios Menores são rituais de autocontrole e purificação. Os Mistérios Maiores são rituais de criação. O homem se purifica em nove processos, mas só para poucos são dadas as chaves do tríptico Mistério criativo: a criação da forma, pensamento e da consciência. Antes de abandonar a câmara da iniciação, o candidato bebe da Água da Vida, o néctar dos deuses, que é explicado pelos filósofos como representando o sangue do Logos ou o Sol - a energia divina que sustenta os eleitos e que está constantemente fluindo no Graal dos Mistérios. De acordo com os gregos, Os deuses não partilham de nenhum alimento mortal, mas são nutridos pelas fontes do Bem Eterno que brotam no meio dos mundos. Tendo dado o sinal secreto aos adeptos, o novo Iniciado sai da câmara pelo caminho da direita.

SEÇÃO VII

(Figura VII, Página 54)



A chave para a sétima lâmina é o equilíbrio, sendo essa a virtude dada pelo sétimo signo do Zodíaco, Libra, a Balança. Nosso autor nos diz que o motivo central, dois círculos pequenos e uma cruz pendente, é um selo sagrado. Isso pode ser interpretado como o enxofre e o sal celestiais - o Sol e a Lua. A cruz suspensa é o Lapis Philosophorum, dos elementos regenerados - *sal* (terra), *enxofre* (fogo), *Mercúrio* (ar) e *Azoto*, o éter (água dos sábios). O Sol e a Lua são o pai e a mãe da Pedra Filosofal. Eles representam céu e terra, dos quais é gerada a cruz - homem, a progênie dos dois agentes imortais, espírito e matéria. A cruz significa também o equilíbrio do homem suspenso entre sua origem e seu destino. O arranjo das figuras indica ao iniciado em quem a união de todos os opostos foi efetuada. O Iniciado é o andrógino racional.

Circulando a parte central do símbolo há dois círculos de figuras. O círculo interno é composto de caracteres cuneiformes; o externo, de heróglifos derivados de várias línguas antigas, arranjados de maneira totalmente arbitrária, e indecifráveis sem a chave original. O círculo de caracteres cuneiformes deve ser interpretado descobrindo-se os equivalentes hebraicos das letras pontiagudas. Aparentemente, o texto é profético e, à primeira leitura, parece referir-se à mudança cósmica que surge da perturbação do Equilíbrio celestial. Mas, na realidade, o material lida estritamente com as mudanças que devem acontecer na alma do Iniciado. O cuneiforme-hebraico se lê conforme se segue, provavelmente sendo uma continuação do círculo externo do texto hieroglífico:

"E é a expiração da Eternidade. Sabe que aquele lugar (signo ou símbolo, provavelmente uma constelação zodiacal) é o término (das eras). A Perna (Aquário, provavelmente referindo-se à Era ou ciclo Aquariano) é o início da destruição." No ciclo zodiacal da iniciação, Aquário é o símbolo da desintegração final da personalidade, pois além dele só se encontra Peixes, o Nirvana.

O manuscrito de Saint-Germain também descreve um machado, não mostrado na ilustração. Este é o instrumento da separação, e concordaria exatamente com a interpretação da figura. Este conjunto inteiro está suspenso entre duas colunas de mármore verde. Podem bem ser o Jachin e Boaz da maçonaria. Estudiosos da Cabala lembrarão a terceira coluna que unia essas duas, e que, como o grande selo desta figura, representava o iniciado cuja constituição aperfeiçoada unia a sabedoria e a geração - a lei e os profetas.

ANÁLISE DO TEXTO

O Iniciado assume novamente os atributos da substância alquímica da qual a Pedra Universal deverá ser preparada. Toda a seção é dedicada aos processos de purificação, consistindo em três banhos. Como resultado do primeiro banho, a água no vaso de aço se torna descolorida com as impurezas desprendidas pela *matéria* filosófica. No segundo banho, os elementos da Pedra são impregnados por um misterioso líquido avermelhado de uma qualidade extremamente corrosiva. No terceiro banho, o princípio corrosivo é lavado. Estes três processos, que exigem dezesseis dias, purificam completamente a *matéria*, que então passa para o aumento seguinte.

Do ponto de vista místico, o vaso cheio de água clara com cristal é a pia de purificação colocada no pátio do Tabernáculo dos antigos judeus. Os sumos sacerdotes que serviam o Senhor deviam se limpar com a água da pia antes de poder realizar as tarefas sagradas de seu ofício. A cerimônia do batismo é outro símbolo externo da verdade interna. A Causa Absoluta de todas as coisas na sua condição impessoal e totalmente difusa era considerada como um vasto oceano que preenche o espaço. O Schamayim, que é a água divina flamejante - a emanção da Palavra de Deus - desce da Presença divina. Dividindo-se a meio caminho entre espírito e matéria, torna-se fogo solar e água lunar. Este Schamayim era conhecido dos alquimistas como Mercúrio Universal, e é chamado Azoto, o incomensurável Espírito da Vida. Esta água original flamejante e espiritual atravessa o Éden (que em hebraico significa "vapor") e se derrama em quatro rios principais - os elementos são as condições do Mercúrio Universal. Esta é a *água corante* pela qual os justos são batizados. É a água, o Mercúrio Universal, o solvente dos sábios, com a qual é dado o batismo espiritual. Aquele que é imerso nesta água, ou que recebe o Schamayim celeste em si, torna-se limpo e purificado. Seu poder lunar batiza com água - o batismo dado por João Batista, mas seu princípio solar batiza com fogo - o batismo messiânico.

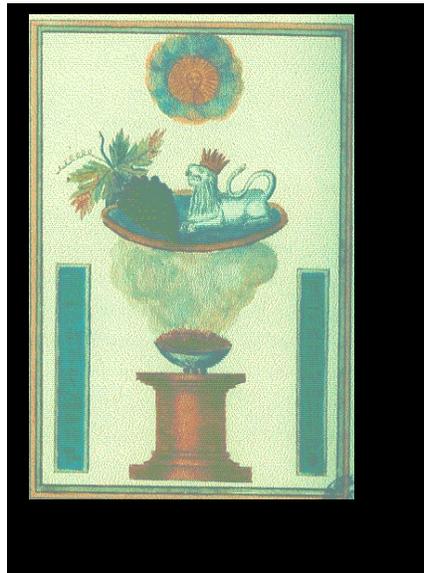
Os Iniciados dos antigos Mistérios, elevados a uma condição glorificada, recebiam o batismo divino. Eles eram imersos em Deus e, através dessa imersão, era lavada a mancha preta do pecado original, que, de acordo com Maomé, está no coração de todo mortal. O Schamayim dos alquimistas é o Mar Luminoso dos Budistas, o ilimitado oceano nirvânico, a água do espaço constantemente iluminada por Deus.

O machado de prata com punho azul, afixado à coluna, é chamado *o destruidor*; mas a tradução é: "Eleva a voz ao seu máximo em cântico (ou canção)." O machado é o antigo símbolo dos Construtores Iniciados, os "lenhadores". É também o emblema de separação ou divisão, e é uma figura apropriada para representar separação por meio da purificação.

O signo de Libra, que governa a sétima operação do mistério filosófico, divide o hemisfério zodiacal inferior do superior. É também o signo antigo da Páscoa, uma festa que significava a passagem da vida da condição material para uma condição imaterial pelo batismo alquímico. As partículas grosseiras da alma são lavadas e a vida é preparada para uma existência suprasubstancial.

SEÇÃO VIII

(Figura VIII, página 60)



No céu brilha o sol filosófico e dentro dele a face do Lagos. Seus raios são ocultos pelas mesmas nuvens que devem sempre esconder a Luz Divina dos olhos do profano. O Leão está agora coroadado, sua coroa tendo sete raios, símbolo das sete energias da vontade. Este não é mais o leão despótico da ilustração anterior. A ambição foi transmutada em aspiração, e esse impulso que, não regenerado, atrai os homens para a destruição temporal, agora é a força que dá coragem ao empreendimento espiritual.

O cacho de uvas simboliza a iluminação. Uma curiosa obra de alquimia diz que a uva tem uma afinidade especial pelo ouro e que, quando as vinhas são plantadas em regiões onde o ouro é abundante, as raízes da planta absorvem as minúsculas partículas deste precioso metal e as distribuem pelos caules, folhas e frutos. Na alquimia, o ouro é o símbolo do Princípio Supremo. O Nazareno comparava Seus discípulos e a Si mesmo com uma vinha e seus frutos. O cacho de uva é um símbolo apropriado para a escola dos adeptos, pois os Iniciados crescem juntos num único ramo. Aqui também há uma sutil alusão ao sangue, que carrega em si as partículas douradas do sol. O leão e as uvas reafirmam a antiga fórmula - sabedoria e geração.

Os painéis de caracteres de cada lado do braseiro contêm fragmentos de antigos rituais e textos de mistérios. O da direita diz: "Acende a luz no tempo designado - a sétima hora da aurora." Isto é seguido por uma obscura referência à emanção do fogo ao sol cheio (meio-dia) e o painel conclui com uma admoestação: "Dança num círculo e profetiza." o painel da esquerda também descreve uma cerimônia: "Honra é prestada ao Doador da vida." O Iniciado é admoestado a sacrificar seu Ka ou alma. Aparece o número 9 e o símbolo da arca ou caixão no qual os candidatos são enterrados no mistério. Em seguida, aparece a face inteira do sol, representando a ressurreição. Há uma alusão ao por tão nos céus e à ascensão do Ka. Com a ajuda de metafísica egípcia, não é difícil decifrar esses símbolos. O número 9 refere-se aos nove Mistérios Menores associados à caixa ou caixão - o corpo. A face solar é a ressurreição, e o painel inteiro descreve a passagem da alma (Ka) através dos mundos invisíveis conforme colocados no simbolismo dos Ritos da Pirâmide. Isto é colocado apropriadamente na oitava divisão do manuscrito, ainda mais que o oitavo signo do Zodíaco é Escorpião e era até um certo ponto deste signo que o sumo sacerdote libertava o Ka de seu discípulo para o Amenti.

Análise do Texto

A oitava seção do manuscrito é dedicada amplamente a um entendimento do mistério do *sal* alquímico. Sobre este mistério da alquimia Eliphas Levi escreve:

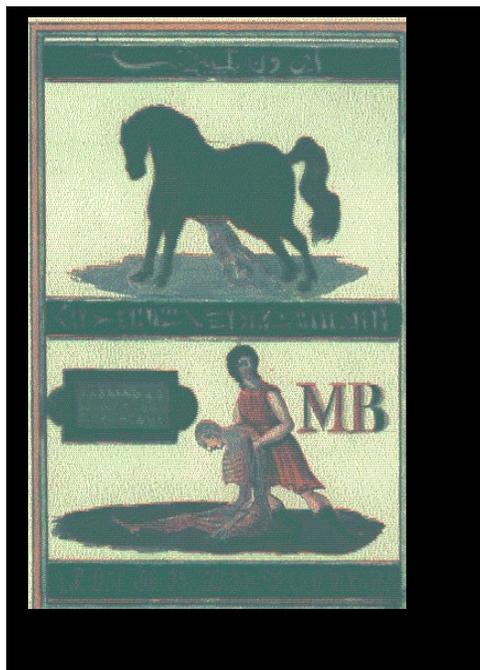
"Separar o sutil do grosseiro (u.) é libertar a alma dos preconceitos e (de) todos vícios, o que é realizado através do uso do Sal Filosófico, isto é, a Sabedoria. Do Mercúrio, isto é, habilidade e aplicação pessoal. Finalmente, do Enxofre que, representa a energia vital e o fogo da vontade. Por meio deles, somos capacitados a mudar em ouro espiritual as coisas que são as menos preciosas de todas, até o lixo da terra."

O Sal dos sábios é a sabedoria derivada da experiência, pois a experiência é o sal do terreno, ou o estado material, e um sábio é o sal da terra. Em nosso manuscrito, o sal é chamado "o primeiro entre os regenerados". Quando o Iniciado impregna-se com sal, isto equivale a dizer que ele faz da sabedoria parte de si mesmo. O sal é um preservador de corpos, assim como a sabedoria é um preservador de almas. A decadência não pode afetar aquele que descobriu o *sal do sábio*.

Deixando o aposento circular e a massa de sal branco e brilhante, o Iniciado aproxima-se da beira de um lago sombrio, e percebe uma ponte à distância chamada *o forte a ser subjugado*. O termo também significa um refletor ou uma sombra suspensa acima do lago, e lembra a Ponte do Arco-Íris, o Bifrost dos escandinavos - a ponte que sobe da terra para o Asgard, o paraíso terrestre onde moram os doze Ases, os Hierofantes do mundo.

O oitavo signo do Zodíaco é Escorpião, bem representado pelas águas escuras e sombrias. O signo de Escorpião era especialmente venerado pelos rosacruzistas, que realizavam determinados rituais somente quando o sol estava nesta constelação. Com grande dificuldade, o Iniciado força sua passagem através do pântano de Escorpião para alcançar o grande templo de Sagitário que assoma na frente e acima.

SEÇÃO IX



(Figura IX, página 65)

Como esta seção significa Sagitário, é bem apropriado que a figura de um cavalo deveria aparecer no simbolismo. O Cavalo de Tróia, escondendo dentro de seu corpo um exército de gregos conquistadores, representa a força oculta desta constelação pela qual os troianos (o mundo material), lutando para defender Helena (o princípio lunar), foram finalmente vencidos. Em astrologia, a nona casa, que corresponde a Sagitário, é a casa da classe sacerdotal, o sacerdócio, ou os Mistérios. O cavalo oco com os homens dentro é, portanto, o templo e seus iniciados.

Em nossa figura, é feita uma aplicação incomum deste simbolismo. Um cadáver está caindo do cavalo. O corpo físico não pode ir além do nono grau, portanto, aqui, ele deve ser descartado. A forma não pode prosseguir - o cadáver é jogado fora do templo.

O texto árabe no topo da tabuleta diz: "Aquilo que está oculto deve ser trazido à vista" ou "as coisas ocultas (pecados) devem ser desnudadas." O cuneiforme consiste na seguinte legenda: "O portão do término (inteireza ou conclusão) quando a Perna ou o Homem da Água volta-se no círculo (o equinócio em Aquário)." No quadro emoldurado está o seguinte: "Os poucos seletos - quantos há? Quarenta que em amor fraterno se reúnem aos quatro quadrantes e o Pássaro. Aqui embaixo (na esfera mortal) a ser realizada (reunião ou aglomeração) até que em seu lugar esteja a vinda no quarto quadrante (Aquário)." Os grandes caracteres MB referem-se ao processo alquímico pelo qual a mortificação e a destruição do corpo são realizados. As letras floreadas são palavras a serem completadas pela adição de outras letras. Quando isto tiver sido feito, a sentença dirá: "Busca o Senhor todo-poderoso que é o guardião da Árvore da Vida." Na metade inferior da figura, um homem de túnica vermelha está tentando restituir a vida ao cadáver. Este é o fogo (ou ferro) tentando reavivar as cinzas, um emblema alquímico.

Análise do Texto

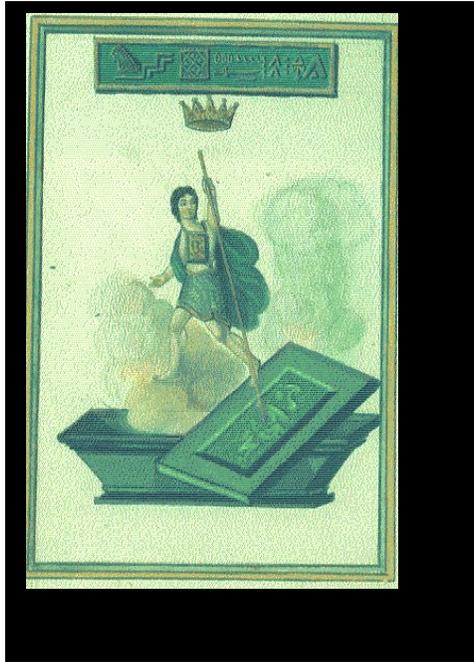
No nono passo do ritual, o Iniciado se defronta com o último grande inimigo - a morte, que deve ser experienciada, entendida e vencida. Na escuridão da grande câmara com suas paredes de ébano, ele divisa o estranho Cavalo de Tróia. Aqui está a *putrefação*, o final de toda a ignorância e o portão da vida. O Iniciado passa nove dias na contemplação deste mistério, e está prestes a pegar um pouco da *substância* malcheirosa e degradante que está amontoada num canto, quando é avisado por uma voz invisível de que o tempo ainda não chegou.

Em Sagitário, o nono signo do zodíaco, a teoria da filosofia é aperfeiçoada, pois o mundo foi criado em seis dias mas a *Arte* chega à perfeição em nove. Hermes escreve assim: "Mas esta multiplicação (o aumento da Pedra do Filósofo) não pode ser realizada *ad infinitum*, mas alcança sua plenitude na nona rotação, pois depois que esta tintura foi rodada nove vezes, não poderá mais ser exaltada, porque não permitirá mais nenhuma separação." Depois da teoria vem a prática, depois da operação segue o uso. O iniciado, percebendo que já possui o poder para tingir a matéria, quer experimentar com a terra preta decadente na nona câmara, mas é impedido de fazê-lo. Ele ainda precisa receber as três Chaves Maiores, pois o poder para realizar a transmutação é imperfeito até que a visão espiritual revele os fins próprios que o iniciado deve alcançar.

Depois de abandonar a casa da putrefação, o Iniciado observa que sua veste muda de cor tornando-se, finalmente, um belo verde. Isto é uma alusão direta à fórmula alquímica. Dizemnos que durante os processos da digestão, a substância alquímica muda de cor, fato que justificou ser chamada de pavão por causa de sua iridiscência durante um dos períodos de sua digestão. As diversas vestes coloridas usadas pelos vários graus dos antigos sacerdotes representavam estágios do desenvolvimento espiritual. De acordo com a mesma regra, na preparação da Pedra do Sábio, a substância base passa por um espectro filosófico, passando de uma cor para outra, de acordo com o fim que o operador deseja alcançar.

As três palavras secretas com as quais a seção é concluída fazem com que a última sentença signifique: "O nome da sala é corrupção. O nome do primeiro lago é o início da corrupção, e o nome do segundo lago é o final da corrupção." As três palavras cifradas, quando ligadas, dão o significado: "A corrupção é o início da decadência e a corrupção é seguida pela morte." No aperfeiçoamento da Pedra do Sábio descobriu-se que é impossível unir os diversos elementos em novos padrões fundamentais até que cada um tenha sido reduzido à sua condição mais simples e original. Esta redução, ou a destruição da personalidade dos elementos, é a *corrupção* filosófica que, trazida pela *Arte*, destrói todas as diferenças aparentes nos materiais alquímicos, e torna possível uma mistura de seus princípios para acabar na formação da Pedra divina. Misticamente, a morte filosófica é a destruição dos numerosos aspectos da personalidade, de maneira que da alma e de suas extensões (os elementos divinos) possa ser formada a Alma de Diamante da Rosa Cruz.

SEÇÃO X



(Figura X, página 73)

Um homem vestido com uma túnica verde com bordas de ouro, portando uma lança, surge em meio a nuvens vaporosas de dentro de um sarcófago aberto. Acima da figura humana está suspensa uma coroa dourada de luz. O todo simboliza o renascimento anual do sol no décimo signo zodiacal - o solstício de inverno em Capricórnio. Como o décimo mês do ano filosófico, este hieróglifo descreve o primeiro dos três Mistérios Maiores que são presididos pelas constelações de Capricórnio, Aquário e Peixes.

O desenho retrata a vitória final da alma espiritualizada sobre as limitações do túmulo corpóreo. A veste verde revela que o iniciado está vestido com sua alma iluminada, que está sob a regência de Vênus. A placa peitoral leva letras secretas que significam VIDA O Iniciado alcançou a imortalidade. Para ele, o túmulo ficará para sempre vazio. Ele se tornou parte do pequeno grupo dos iluminados "a quem a morte esqueceu".

Os caracteres árabes na tampa do caixão admoestam os **Eleitos** de que eles devem conquistar um determinado mistério não designado "quando o sexto signo ou era for o alento". Estas palavras, evidentemente, se referem às partes de um ritual. Aquilo que deve ser conquistado é o "segredo mestre da alquimia". O túmulo é também o local de enterro do mestre da magia cuja moeda (ou corpo) estava escondida, de acordo com uma figura anterior. Em um dos antigos livros rosacruzes é descrita uma curiosa prática dos Irmãos. Dizem que eles se retiravam periodicamente para dentro dos seus *ovos de vidro*, onde descansavam durante um certo número de anos, depois dos quais, quebravam as paredes e surgiam de novo. Esta alegoria, por sua vez, faz alusão ao fato dos mistérios se afastarem periodicamente da sociedade e reaparecerem depois de passado um determinado período de tempo. Somos levados a inferir, a partir da inscrição, que os períodos durante os quais a Irmandade secreta sai de sua obscuridade são regulados pelos ciclos astronômicos do Zodíaco. Podemos ler nos símbolos: "Quando o sexto signo for o doador de vida, eu sairei."

Os hieróglifos do painel no topo da página descrevem a ressurreição filosófica. Dizem: "Para ser libertado com um grito de alegria quando o jorro do Espírito Santo descer." Há também menção de uma

aliança de sangue com o Um na época do quarto quadrante, isto é, o Homem da Água com a Face. (Aquário)

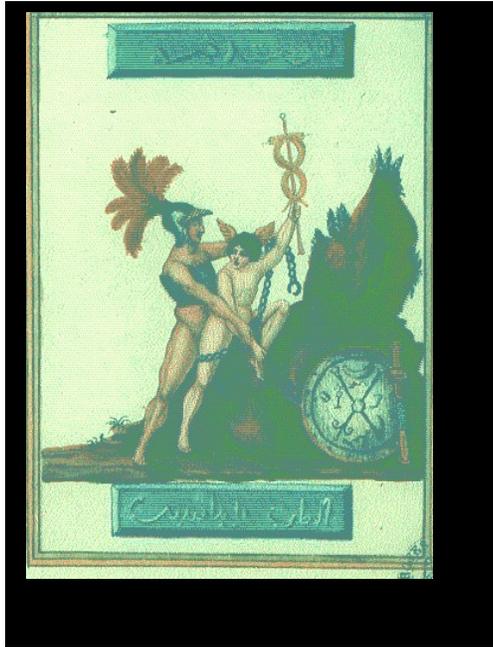
ANÁLISE DO TEXTO

A morte é seguida pela ressurreição. O homem deve morrer muitas vezes para que possa, finalmente, alcançar a imortalidade. A borboleta que decora os portais do palácio de alabastro indica claramente que o mistério do renascimento é o assunto da décima iniciação. "Os três estágios através dos quais a borboleta passa no seu desenvolvimento cor respondem aos três graus da Escola de Mistério, graus esses que são considerados como a consumação do desenvolvimento do homem, dando-lhe asas emblemáticas com as quais ele pode voar aos céus. O homem não regenerado, ignorante e indefeso é simbolizado pelo estágio entre o ovo e a larva. O discípulo, buscando a verdade e habitando na meditação, é simbolizado pelo segundo estágio, da larva à pupa, época na qual o inseto entra na crisálida (o túmulo dos Mistérios). O terceiro estágio, de pupa a imago, (de onde sai a borboleta completa) tipifica a alma desenvolvida e iluminada do Iniciado saindo do túmulo de sua natureza mais baixa." (Ver minha *Encyclopedic Outline of Symbolical PhilosoPhy*). O mistério tríplice da borboleta é sugerido também Pela colunata tríplice separada por corredores e passagens.

O nome secreto do salão indica que ele simboliza o ciclo da vida e também a esfera da retribuição. Traduzido, diz: "Na emanção do Todo-Poderoso (os perseguidores ou os adversários) serão silenciados e vencidos." Von Welling, em seu *Opus*, descreve' como os anjos rebeldes - os espíritos elementares - foram trancados nos elementos escuros do universo material como castigo por sua rebelião. A alquimia, então, é a *arte* de purificar estes descontentes e restituí-los ao seu estado original celeste.

SEÇÃO XI

(Figura XI, Página 78)



Enquanto a décima ilustração representa a libertação final do Homem Divino de suas limitações físicas, a décima primeira retrata a tentativa do intelecto de libertar-se do domínio da alma animal. O homem poderoso com seu cinturão e elmo de *ferro*, e seu penacho de penas vermelhas, é o Demiurgo ou Regente do mundo físico, o governante dos sentidos e dos apetites. Ele está tentando amarrar o intelecto espiritualizado à rocha da ignorância. O belo jovem que leva o caduceu é o intelecto tornado filósofo. O domínio do pensamento, que *faz* da mente um servo do eu espiritual, é o décimo primeiro passo do antigo ritual.

Todo o universo fenomenal contra o qual o neófito lutou durante suas onze aventuras estranhas e árduas é personificado no homem de penacho vermelho. Aqui o mundo *faz* seu último esforço para prender o super-homem que lhe escapa. O esforço é inútil. Nenhuma corrente forjada na terra pode segurar ou amarrar o Mercúrio Filosófico. Dizem-nos que nos processos alquímicos esta essência sutil pode filtrar-se através de um vaso de *ferro* (o guerreiro) - ou através do vidro ou da porcelana - e desaparecer, apesar de todos os esforços para capturar sua quintessência.

A décima primeira figura contém numerosos hieróglifos extraordinários e impressionantes. Os caracteres do escudo incluem uma *foice* e um cetro cruzados - significando morte e ressurreição, ou mortalidade e soberania. Há também a lâmina do machado, o hieróglifo do lenhador, construtor ou geômetra.

Os hieróglifos menores significam *ovo* e *caverna*, e a lua crescente pode simbolizar ou um quarto lunar ou um portal. Estes símbolos se referem inquestionavelmente a passos no drama iniciático. As palavras no painel no topo da figura podem ser traduzidas: "Para ser o signo da Perna com Eternidade, derramar e ser o arauto da destruição." O pensamento é evidentemente profético, referindo-se à destruição dos iníquos no signo de Aquário, a constelação que governa a décima primeira seção da obra.

O escrito abaixo da figura é puramente místico: "É dado que o mal será pisoteado no sexto pórtico." A alma, no seu ciclo espiritual de regeneração, cruza do hemisfério inferior ao superior do Zodíaco no final do sexto signo, Virgo, ou a Virgem.

Esta virgem é a mãe do Messias. Assim como a geração física começa em Áries, a geração dos sábios começa com a Mãe (os Mistérios) de quem eles nascem para o hemisfério celeste. A ordem antiga não pode prosseguir além do sexto portal, pois a sétima é do novo homem ou do segundo nascimento - um mistério insinuado na nossa inscrição.

ANÁLISE DO TEXTO

O Iniciado, partindo do palácio da ressurreição, vê voejando diante dele o misterioso pássaro *Ampheercha* que, agora, *tem* as asas da borboleta acrescentadas às suas. O sentido cabalístico do nome do pássaro é: "Uma mãe gerará a imagem." A energia intelectual da Íbis hermética agora é aperfeiçoada pelo poder da alma, representado pelas asas diáfanas da borboleta. Apuleio criou o mito de Psiquê como um método de descrever o Casamento Hermético ou a união da razão com a alma aperfeiçoada. Este é o segundo Mistério Maior: a conquista do andrógino filosófico, no qual os princípios masculino e feminino da sabedoria - representados pelo Íbis e a borboleta - unem-se numa só criatura.

O Iniciado recebe a ordem de capturar e pregar o pássaro simbólico. Durante nove dias (graus) ele o persegue, e finalmente força-o a entrar na torre chamada *corrupção*. O simbolismo continua, vestido em termos alquímicos. A torre é o vaso para uma digestão adicional, através da qual os elementos da Pedra devem passar antes de seu aperfeiçoamento final. O Iniciado perfura as asas do pássaro com um cravo de aço. O nome do cravo é uma admoestação para se apressar e completar a operação. O pássaro é, então, crucificado à roda, como o foi a pomba de Semiramis, ou Ixion. O nome do martelo significa *sair e se manifestar*, uma alusão à força da vontade com a qual esta operação final deve ser realizada.

Alquimicamente, a substância representada pelo pássaro começa a brilhar na retorta. A luminosidade mostra que o poder da alma da Pedra está começando a brilhar triunfalmente e que as operações árduas do alquimista estão prestes a ser recompensadas.

O Iniciado parte. Tendo completado o décimo primeiro Mistério e fixado o poder do pássaro-alma de maneira que ele não possa mais abandoná-lo, ele sai por entre duas grandes colunas e se encontra, uma vez mais, no Salão da Sabedoria.

SEÇÃO XII

(Figura XII, página 84)



A peregrinação do iniciado está finalmente concluída. Nos céus brilha o sol filosófico - um triângulo cercado por um círculo e um quadrado, representando a união de elementos diversificados da natureza num único poder divinamente radiante e fulgurante. A figura feminina é Ísis - seu corpo não está mais escondido pela veste preta como no segundo quadro. Ela é a Natureza. Com uma mão ela aponta para cima em direção da Luz Divina que é sua própria Fonte, enquanto com a outra carrega três globos emblemáticos da perfeição da *Arte*, a suprema alquímica hermética. Os globos contêm as três partes da Pedra do Filósofo, ligadas uma à outra por anéis de ouro.

O "grande homem forte" é o próprio Iniciado. Através das malhas de sua armadura de ouro aparece a veste azul, seu manto estrelado. Ele carrega na mão um bastão branco, decorado com caracteres mágicos. Esta é a insígnia de sua classe, o bastão do iniciado.

O tempo para o décimo segundo e último passo na iniciação está próximo. A coroa que antes estava no céu agora está sobre o elmo do Iniciado. Isis salta no ar, erguendo consigo o novo Mestre. A natureza, a destruidora implacável do ignorante, é a graciosa serva do sábio. Conduzido pela própria Natureza e elevado por ela de seu estado terreno, o Sábio sobe para a presença dos três Mestres da Loja Universal, cujo sol radiante fulgura no céu.

No décimo segundo signo zodiacal, Peixes, o Nirvana é alcançado, a Pedra é projetada, os segredos da Natureza são revelados e o Iniciado voa para cima com a triunfante declaração dos Mestres: "Consummatum Est."

ANÁLISE DO TEXTO

O Iniciado agora se identifica novamente com a *matéria* alquímica e entra numa retorta de cristal que repousa numa fornalha de areia, que a mantém constantemente num calor suave. O nome do salão é "Um lugar onde as gotas caem." A bacia que o sustenta é "o deserto do fogo fulgurante", ou "o agente que capacita as gotas a escapar". Do fundo da retorta de vidro, vapores estão constantemente subindo. O iniciado é erguido, e depois de trinta e seis dias levado até a parte superior do globo. Reduzido o calor, ele desce e descobre que a cor de sua veste mudou de verde para um vermelho brilhante. "A solução na retorta alquímica, se digerida durante um determinado tempo, irá se transformar num elixir vermelho, que é chamado de Remédio Universal. Parece-se com uma água flamejante, e é luminosa no escuro." (Ver *The True Way of Nature*, O Verdadeiro Caminho da Natureza, de Hermes)

O próprio iniciado é agora o Remédio Universal. Ele é a Própria substância que serve para a cura das nações. Sua veste carmim é a veste do Elixir Vermelho. Ele se tornou o Diamante Rubi. Depois de olhar para um quadro hieroglífico, com o que sua instrução é aperfeiçoada e completada, o novo mestre da Grande Obra se encontra no Salão dos Tronos na Casa do Sábio

Ele vê o *pássaro*, o *altar* e o *círio* unidos num único corpo espiritual. O céu, a terra e o homem foram unidos pelos laços indissolúveis da sabedoria hermética. A projeção da Pedra é o teste final da finalização da Obra. O iniciado golpeia o sol dourado despedaçando-o em fragmentos. No seu papel de Diamante-Rubi: o Iniciado então toca cada uma das partes quebradas e elas também se tornam sóis tão gloriosos como o original. O sol representa, aqui, o germe do Ouro Universal ou a divindade presente em todas as naturezas. Está quebrado em fragmentos, de acordo com a tradição de Baco na qual a energia solar era distribuída pela natureza. O filósofo então toca os fragmentos, e cada um se torna perfeito. O alquimista é mestre em sua Arte e, por virtude da Pedra, ele libera e aperfeiçoa os fragmentos da divindade trancados dentro de cada constituição mortal.

O Supremo Juiz de todas as obras decreta que o iniciado completou a regeneração e que a Obra está perfeita. Os filhos da luz - seus irmãos Iniciados - se apressam a reunir-se a ele. Os portões da Vida Universal se abrem, o véu dos místicos é erguido. O iniciado agora é um eoptes - aquele que vê claramente. Os espíritos elementais que simbolizam as limitações corpóreas reconhecem seu domínio dos princípios internos. O nascimento filosófico está concluído. As eras reconhecem o novo Mestre.

SOBRE MANLY P. HALL

Manly P. Hall é o presidente fundador da Sociedade de pesquisa filosófica, uma organização sem fins lucrativos instituída em 1934, dedicada à disseminação de conhecimento útil nos campos da filosofia, religião comparada e psicologia. Em sua longa carreira, que abarca mais de cinquenta anos de atividade pública dinâmica, Manly Hall proferiu mais de 7.500 palestras nos Estados Unidos e fora, escreveu mais de 150 livros e ensaios, e incontáveis artigos para revistas. Seu jornal *PRS* trimestral está em contínua publicação desde 1941.

The PhilosoPhical Research Society, Inc., localizada em Los Angeles, Califórnia, é uma sociedade não sectária, dedicada a uma abordagem idealista para a solução dos problemas humanos, e é totalmente livre de controle educacional, político ou eclesiástico. Seu programa sublinha a necessidade de integração da filosofia, religião e ciência da psicologia num único sistema de instrução.

A biblioteca da Sociedade de Pesquisa Filosófica é um notável local de utilidade pública, dedicado à fonte de material em campos obscuros, nos quais a informação de referência básica é limitada e importantes itens são extremamente difíceis de obter.

Uma quantidade de volumes raros na biblioteca PRS já foram reimpressos para satisfazer a necessidade de estudiosos particulares e das instituições públicas que expandem suas bibliotecas para incorporar essas áreas negligenciadas. O presente programa é expandir este empreendimento e fazer anualmente cópias fac-símile de volumes valiosos e comparativamente inacessíveis. A Biblioteca PRS foi reunida durante um período de se_senta anos por Hall, que selecionou pessoalmente para a reimpressão os volumes de referência especiais que ele considera ter mérito excepcional em vista do interesse rapidamente crescente em alquimia, filosofia platônica e as antigas escolas da Sabedoria Oriental. Uma completa descrição de outros títulos na Série de Reimpressão de Livros Raros está disponível a pedido.

The Philosophical Research Society, 3910 Los Feliz Blvd., Los Angeles, Califórnia, 90027, EUA
(800) 548-4062 ou (213) 663-2167

NOTA DA EDIÇÃO DIGITAL:

As outras páginas do livro são cópias do original, em letra manuscrita em francês, por isso foram adicionadas apenas duas páginas para apreciação dos leitores.

Também foi incluso alguns dos hiróglifos contidos no livro, de autoria do Conde de Saint Germain, mas que não foram interpretadas na edição impressa



Leus dans l'agile des criminels
dans les cachots de l'Inquisition, que
votre ami trace ces lignes qui doivent
servir à votre instruction. En songeant
aux avantages inappréciables que vous
pouvez procurer aux vôtres de l'amitié, se

[2]

vous s'adonner les horreurs d'une captivité
aussi longue que peu méritée... j'ai du
peu de plaisir à penser qu'environné de
gardes, chargé de fers, un esclavage pour
encore élève son ame au dessus des
pauvres, des monarches qui gouvernent
ce lieu deuil.

Vous allez pénétrer mon cher
Philobate dans le sanctuaire des
sciences sublimes; ma main va lever
pour vous le voile impénétrable qui
couvre aux yeux du vulgaire, les
laberracles, les sanctuaires ou l'éternel
Vegetus les secrets de la nature, secrets
qu'il réserve pour quelques uns privilégiés,
pour les élus que ses toutes puis-

[3]

